

— CADA NUMERO CONTÉM UMA OBRA COMPLETA —

• A NOVELLA POPULAR •

N.º 154 127



Aventuras extraordinarias dum policia secreto

OS FOGOS FATUOS



EDITOR e PROPRIETARIO, F. A. MIRANDA e SOUSA
COM. E IMP. NA EMP. LUSITANA EDITORA —
C. DO FERREGIAL, 23 PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO
60
REIS

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO
DA NOVELLA POPULAR
C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA

Um romance completo por

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

200
REIS

==CADA VOLUME CONTEM==
==14:00 LINHAS==
==DE LEITURA EMPOLGANTE==

Volúmenes publicados:

O homem das multidões, de *Pierre Zaccaria*.
O casamento d'um forçado, de *Al. Bouvier*.
A aposta maldita, por *Jules de Gastue*.
Os Fugas d'Oiro, por *Panlo Féca*.
As filhas do povo, por *Alcides Bouvier*.
O filho dos bores, por *Rider Haggart*.
Dúvida fatal, por *Marcello Prévost*.
O segredo d' desconhecida, por *J. Gustyne*.
Fausto, por *Raoul Vernicel*.

Estes romances, seleccionados com escriptura
atenção, compoirão uma verdadeira biblio-
theca popular de educação.

200 OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

REIS • um bom romance completo

Colleção Artística

Publicação mensal e illustrada das mais
sensacionais novidades litterarias estrangeiras

Volúmenes publicados

1. Arsenio Lupin, catão da alta roda, por *Maurice Le-
Blanc* (Eg. 1, 2. O Homem Misterioso, *Guy de Maupassant*
3. O túmulo de zola, *Pierre Giffard*, 4. Arsenio Lupin
contra Herlock Sholmes, *Maurice Leblanc*, 5. Um crime
na terra, *Colclough*, 6. O Prisioneiro de Marlo, *G. Le-
Rouge*, 7. O Club dos Londres, *Henry C. A. Herne*, 8. A
Agulha de ouro, *Novas aventuras de Arsenio Lupin* (Eg. 1)
9. O Homem sem rosto, *Paul d'Ivoi*, 10. O Viagem
Vermelha, *Pierre Giffard*, 11. O Canhão do sommo,
Paul d'Ivoi, 12. Qual dos tres grande romance policial,
A. O. Green, 13. A Guerra dos vampiros, *G. Le Rouge*, 14.
O Pirata de Ferro, *Max Pemberton*, 15. As tres pa-
tas, *zenacional romance de aventuras* *Paul d'Ivoi*, 16. O
Kawa, a mysteriosa, *por Ch. Fauter*, 17. 818, *(Novas
aventuras de Arsenio Lupin)* por *Ch. Leblanc*, 18. Em
Férias, por *Henri de Regnier*, 19. O Palácio subterraneo,
por *Max Pemberton*, 20. O crime leal, *por F. Home*,
21. A mulher mysteriosa, por *F. Home*,
22. O Sonho, por *E. Zola*, 23. Os dez olhos d'ouro, por
P. d'Ivoi, 24. Um gatinho de casaca, por *E. W. Hornung*.

350 rs. Cada vol., in-4°, contendo a materia de um
ano, de 300 rs. 350

A Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato
Cada numero um episodio completo

60 Rs. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA de PORTUGAL R. 60

A mas notavel e sensacional
das novidades litterarias

Edição esmerada, cuidadosamente impressa
e composta em magnifico typo

E' um trabalho vasto em moldes inteiramente novos que
formará a mais completa, a mais curiosa, a mais interessante

HISTORIA de PORTUGAL

Desde os tempos primitivos até a actualidade

Volúmenes publicados:

- | | |
|---|-----------------------------------|
| 1. Viriato, o heroe luso | 11. Tado Acer |
| 2. Roma na Lusitania | 12. Rainha D. Micia |
| 3. Os barbares do Norte | 13. C. J. Volonnes |
| 4. A lenda dos Arabes | 14. Frei Trovador |
| 5. Fundação de Portugal | 15. A sinha Santa Izabel |
| 6. O cerco de Guimarães | 16. A Batalha do Salado |
| 7. Egus Monia | 17. Jomaz de Castro |
| 8. Conquista de Lisboa | 18. Vingança de Rei |
| 9. Giraldo Sempavor | 19. A Rainha Adelaide |
| 10. D. Pua Roubinho (Milagre
da Natarchil) | 20. Maria Telles
Mestre d'Aviz |

A seguir:

- | | |
|-----------------------------|------------------------------------|
| 21. Padua d'Aljubarrota | 25. O Trupero, (Tomada de
Guia) |
| 22. O Barbadão | |
| 23. O Murgico em os Dore de | |

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até a actualidade

Richam-se publicados os quatro volumes

I Obscenditas primitivas - A Prostituição na An- tiga Grecia	300
Insuetudes da Roma Primitiva - Desastio dos Romanos	30
III Desmoralização Franceza - Tempos modernos	300
IV (o ultimo volume Tempos modernos)	300

Numero 154

Lisboa, 30 de maio de 1912

IV A 11-10

OS FOGOS FATUOS

nal mais influente e mais respeitado do oriente da
America.

Durante o dia, na sua juventude, vendia jornais;
de noite, estudava e apreciava o show de mundo,
mas especialmente a gigante cidade de Nova York,
onde vivia e trabalhava, e que elle conhecia em
todos os seus recantos, em todos os seus vicios e po-
deres, sendo já, aos dezesseis annos, um reporter ad-
miravel.

N'esta qualidade obtivera successos estrondosos.
Envergadura muitas vezes a policia mais celeb-
re do commissariado central de Nova York, desor-
brindo criminosos em que a policia nem sonhava.

Em consequencia dos seus meritos, os propieta-
rios do jornal nomearam-o redactor principal e di-
rector aos trinta e cinco annos, o que motivou Brad-
ford tornar-se quasi repentinamente, uma das perso-
nalidades mais influentes do estado de Nova York.

Em face de Bradford, sentado perto da mesa, via-
se um homem irrepreensivelmente vestido, cujo rosto
impressionava, principalmente, pelo olhar agudissimo
e pela expressao de poderosa energia.

Usava a barba totalmente rapada.

Os empregados do «World» estavam furtos de
fazer conjecturas, ignorando quem seria o visitante.

Enquanto o redactor principal estava para entrar,
fôse quem fôse, quasi inaccessivel, e visitado a quem
nos referimos, logo da primeira vez que penetrára na

N'uma das luxuosas salas da redacção do grande
jornal de Nova York, «The World», estavam sentados
dois homens, junto de uma mesa coberta de provas e
manuscriptos.

Erão onze horas da noite.
Um dos dois homens era o celebre redactor prin-
cipal do «World», Bradford.

Era uma figura imponente; alto e de hombros lar-
gos, a sua barba castanha e os seus olhos d'ouro eram
bem conhecidos de todos os editores de Nova York.

Bradford era um dos mais ilustres exemplos dos
celebrados *selfmade men* tão vulgares na America do
Norte.

Fôra vendedor de jornaes, como tantos outras mi-
seraveis creações de Nova York, e tinha apenas oito
annos.

As suas extraordinarias applicões e a inesgotavel
energia e tenacidade de que era dotado, tinham-o le-
vado a occupar o logar de redactor principal do jo-

AD
813.91
D596.89
P42
1.6
10.154

redacção, quatro semanas antes, entrara no gabinete particular de Bradford sem se fazer anunciar.

Não succedeu o que julgaram as p-das que estavam na antecâmara; o «suave» não foi posto fóra immediatamente, pelo contrario, permaneceu durante duas horas com Bradford, avizorando o director em seguida que não receberia mais visitas n'essa tarde.

Desde esse dia, o desconhecido voltou frequentemente, a qualquer hora, ficando no gabinete do redactor principal o tempo que lhe appetencia, e não communicando nunca o seu nome aos empregados do «World», nem falando com elles.

Os empregados do jornal julgaram vér no desconhecido algum alto diplomata e os que presumiam de mais «peritos» affirmavam que o homem em questão era um representante d'uma sociedade ingleza, espantosamente rica, que pretendia adquirir a propriedade do «World».

No dia em que começa a nossa narração, o desconhecido chegára pouco antes da meia noite e fechára-se novamente com Bradford no gabinete d'este, conversando ambos em voz tão baixa e tão cautelosamente, que nem mesmo um espião muito habil teria conseguido ouvir a mais simples palavra.

Não, porém, teremos o dom de ouvir a importante palavra «fictum», sabendo immediatamente quem é o mysterioso interlocutor de Bradford.

—Tencionas partir realmente amanhã, senhor Holmes? Foram então baldados todos os seus esforços, no sentido de descobrir esse consorcio de banditos?

—Foram baldados aqui, em Nova York, replicou o celebre politico em voz baixa, porque a esperança que eu tinha de encontrar em Nova York a pista d'esses terríveis criminosos internacionaes não se realisou. Vou, por consequencia, proseguir n'outro sitio as minhas pesquisas.

—Antes, porém, de partir com o meu joven compariro, Harry Taxon, desejo agradecer-lhe a p-hora dissimo todas as preciosas indicações que a sua experiencia me forneceu.

—Oral O sr. Holmes exagera os meus prestimos com a sua amabilidade. Pouco pude fazer em seu favor.

—Não! Prestou-me um serviço importantissimo, senhor Bradford. Quando inicié esta viagem, disse para Harry Taxon: Só conseguiremos analisar esse bando dos «Fogos fatuos do pantano vermelho» com a ajuda d'um homem que conheça muito bem em Nova York. Ora esse homem só podia ser o senhor Bradford, que conhece como ninguém os vicios e os atros d'ista mod-na Babel.

—Foi para mim uma grande honra ser-lhe útil, senhor Holmes. Que tencionas fazer agora? De que

maneira suppõe poder encontrar a pista d'esses terríveis criminosos?

Holmes encolheu os hombros.
Frazziu o subrútho e replicou em seguida, pausadamente:

—Devo confessar-lhe que me sinto bastante hesitante, n'este momento.

—Apezar de todos os esforços que tenho feito, nada consegui averiguar de certo, e nada sei que possa levar-me a uma conclusão.

—Procedi a minutuosas pesquisas em Londres, Paris, Berlim, Vienna, e em muitas grandes cidades do mundo, em todas essas cidades me demorei bastante tempo, na n-za de aquietar esses banditos.

—E, afinal?

—Nada! Consegui! Em nenhuma cidade consegui obter o menor indicio que me permitisse julgar ser ali o foco do bando.

—Mas, oia, senhor Holmes, redarguiu Bradford com tom amigavel, tem a certeza absoluta de que existe realmente esse consorcio de banditos?

Holmes ouviu serenamente esta pergunta, sem se mostrar offendido.

Masculou um pouco no curto cachimbo, expellindo curtas e repellidos fumaças, como fazia sempre que reflectia sobre qualquer assumpto importante.

—Os «Fogos fatuos» existem, replicou Holmes terminantemente. Infelizmente é absolutamente certo existirem.

—Chegou ao convencimento d'esse facto?

—Sim. Dêram t-ri-vezes e tão distinctos signaes da sua existencia que nem por um momento posso duvidar. E' um bando dos maiores e mais perigosos criminosos que o mundo tem conhecido. Trabalha com tal precisão, os s-vo membros obedecem todos com uma disciplina tão molesta, que sou forçado a acreditar que um forte espirito, uma vontade bem organizada, preside aos seus destinos. Todos os maiores crimes dos ultimos tempos foram praticados indubitavelmente pelos «Fogos fatuos».

—O nome que escolheram tem muita propriedade, porque, assim como o fogo fátuo sobre um pantano, assim os membros d'este bando apparecem para desaparecerem logo que algum se aproxima e reaparecem novamente a grandes distancias. E por este ultimo facto que eu não hesito em affirmar que é impossível que sejam as mesmas pessoas que praticam tão horribes crimes, quasi simultaneamente, em Londres, Paris, Chicago ou até em Sidney, na Australia.

—E' que são todos membros d'um só bando, bem unido e que é dirigido d'um ponto central.

—Como já disse, é necessario existir uma cabeça bem organizada para manter tudo bem ordenado, tratando de todos os negocios.

—Talvez que eu exaggero o numero d'elles e sejam apenas tres, quatro ou mesmo seis homens que se congregaram sob a direcção d'um chefe extremamente intelligente.

—Em todo o caso, seja como fór e seja qual fór o numero dos socios do bando, esp-ro firmemente conseguir des-cobrir a sua organização e conhecer os seus membros. Pela fórma por que são commetidos os crimes, vejo que é empregado quasi sempre o mesmo methodo.

—Como conseguiu o sr. Holmes conhecer a designação do «Fogo fatuo do pantano vermelho»? perguntou o redactor do «World» interessado. Se o senhor obteve a informação d'uma fonte segura, tambem deve ter alguns pontos de referencia, alguns indicios que lhe façam suspitar, com maior ou menor probabilidade de exito, o logar que serve de sede aos banditos.

—Ha seis mezes que conheço essa designação, respondeu Holmes acconcedamente. E descobri-a d'uma fórma muito original.

—Andava na pista d'um tal Renard, em Paris, de quem eu suspeitava, julgando vér n'elle o assassino d'um hollandez, «negociante» de diamantes.

—O infeliz hollandez foi atraído a Paris pela carta d'um agente chamado Fuchs. Fizera-lhe o recer que se achava em Paris um millionario americano, cujo intento era comprar diamantes muito bellos e muito puros, para mandar fazer um expellido collar para uma senhora.

—O hollandez veio de Amst-rdam e foi recebido na estação pelo citado agente Fuchs, que o conduziu a um hotel. No dia seguinte o commerciante foi encontrado no quarto, estrangulado.

—Não havia duvida que só o agente Fuchs podia ter commetido o crime, para se apoderar das pedras preciosas que o hollandez trouxera consigo.

—A policia fez todos os esforços para encontrar o assassino, mas nada conseguiu.

—Foi então que a rogo da policia parisiense eu fui a Paris, onde me encarregaram de desliniar aquelle caso o mais rapidamente possível.

—Logo que tomei conhecimento detalhado do assumpto, adquiri a certeza que só poderia tratar-se de Renard. A favor da minha presumpção havia o facto da mudança da palavra franceza Renard na palavra allemã Fuchs, que significa a mesma coisa.

—Não quero enfastiar o, sr. Bradford, contando-lhe a fórma como consegui prender o criminoso. Basta que lhe diga que, em pouco tempo, tive a felicidade de entregar o bandito á policia de Paris.

—Depois d'um trabalho insano durante cinco dias, tive a certeza que Renard se achava ainda em Paris e que, para se sentir em segurança, se lembrára

de adoptar como disfarce a farda d'um agente de policia parisiense. Atravessava impvidos os boulevards e praxas á sua habilitação, ninguém conseguia descobri-lo, até ao dia em que culpe d'it-el a mão. O que não esperi, porém, foi o que em seguida se deu: o criminoso suicidou-se durante a condução para a cadeia. N'um momento de distração dos guardas deu um tiro no peito. Estava agonizante quando chegou ao posto. Um quarto d'hora depois fallecia sem ter pronunciado uma só palavra, apesar das reiteradas perguntas que lhe fiz acerca do que fóra feito dos diamantes.

—Examinei como o maximo cuidado a roupa e o corpo do morto. Nem o minimo vestigio dos diamantes.

—N'um dos braços tinha o morto, em tatuagem, as letras: F. P. P. V.

—Estas letras suggeriram-me a ideia de que talvez Renard fizesse parte d'alguma associação secreta.

—Fui então examinar a habitação de Renard, que tinha descoberto onde era situada.

—A habitação compunha-se d'um quarto e cozinha; procurei minuciosamente os diamantes e encontrei-os sem grande difficuldade, pois não estavam bem escondidos.

Encontrei-os n'um canto do fogão que nunca fóra certamente, accoso por Renard.

—Ao mesmo tempo, achei tambem algumas cartas, pelas quaes vi que havia um hollandez chamado Van Swieten, que estava implicado no assassinato.

—Fôra elle quem dera ao assassinado uma informação falsa, favoravel a Renard e que o decidira a fazer a viagem a Paris, entregando-o nas mãos de Fuchs, Telegraphi logo á policia de Amsterdam, pedindo para prender Van Swieten.

—Assim se fez.

—Van Swieten suicidou-se egualmente, ingerindo um veneno violento.

—Segundo me foi communicado pela policia de Amsterdam, o hollandez tambem era tatuado. A tatuagem compunha-se das letras: F. P. P. V.

—Fiquei então tendo a certeza d'quillo de que suspeitava; aquellas letras significavam qualquer signal d'uma associação secreta, sem que, contudo, me fosse dado decifrar as.

—Com aquellas quatro letras podem fazer-se tantas frases, podem obter-se tantas combinações!

—Durante as pesquisas que se fizeram em casa de Van Swieten e de Renard, ficou bastante compromettido um conhecido receptor parisiense.

—Obtive a certeza que Renard estava em constantes relações com elle e julguei a-bdo voltar as minhas atações para a casa do receptor, na esperança de obter qualquer elemento mais preciso.

«Não supunha que o receptor tivesse a menor culpabilidade no assassinato do holandês, mas era possível que encontrasse em essa d'elle cartas ou outros papéis pelos quaes eu descobrisse o fio que me levasse a chegar a tal associação de criminosos.

«As perguntas a que procedi demonstraram que elle estava innocente do assassinato, mas Renard commettera numerosos roubos e todos os objectos roubados tinham sido vendidos a este receptor. Os objectos roubados, que encontrámos ainda, na sua maior parte, guardados nas caves do receptor constavam principalmente de salvas de prata e n'uma d'ellas tinham sido gravadas muito tozamente, com a ponta d'uma navalha ou de um prego as seguintes palavras: «Fogos Fatuos do Pantano Vermelhos».

«Provavelmente, Renard, distraindamente ou por inadvertência, gravou estas palavras na navalha, sem ter reflectido que atraxqua assim o signal secreto que elle e os seus companheiros escondiam com tanto cuidado.

«Como reconheci immediatamente nas palavras «Fogos Fatuos do Pantano Vermelhos», as iniciaes da tatuagem, não posso duvidar de que seja este o nome d'aquelle bando de criminosos que eu decidi que havia de descobrir e tornar impotentes.

«Desde então, comecei a procurar com dobrado afan os membros do bando, mas não tenho sido feliz e vejo-me obrigado a confessar que a minha estada em Nova-York foi um verdadeiro fiasco.

«Não quero perder mais tempo e vou proseguir nas minhas pesquisas em outro paiz. Por consequente, partirei amanhã com o meu fiel companheiro Harry Taxen, o «Britannico», o paquete mais rapido da Cunard Line e voltarei para Inglaterra.

«Londres é, afinal, o verdadeiro foco d'onde irradiam todos os grandes criminosos e talvez eu constiga...

Holmes interrompeu rapidamente a phrase e recostou-se na poltrona, ficando n'uma posição tal que parecia não ter feito mais que seguir em silencio e com attenção as palavras de fumo que saiam do cachimbo.

A porta abriu-se e um criado a uma leve pancada dada com a mão e appareceu um criado do «World».

—Perdido, sr. Bradford, se venho talvez incomodado, exclamou o recebedor, mas entregaram-me esta carta, recomendo-me que a entregue imediatamente.

—Quem a trouxe? inquiriu Bradford.

—Um rapaziote de cabellos ruivos, naturalmente d'esses que vendem o «World» nas ruas de Nova-York, replicou o continue.

—Que pôde querer me o rapaz para ter tanta pressa? exclamou Bradford, de mau humor, pegando na carta. Com certeza que não ha de ser uma coisa tão

importante que tenha merecido a pena interromper a minha conversa com este senhor.

—O rapaz insistiu extraordinariamente comigo para eu entregar immediatamente a carta, pois, no caso contrario, perderiamos uma noticia de extraordinaria sensação para o numero da manhã.

«E como o sr. Bradford tinha dado ordem de lhe entregarem immediatamente qualquer carta...»

—Está bem! Pode ir-se embora, que eu vou já a ver o que diz a carta...

Logo que o continue se retirou, Bradford rasgou o sobreescrito.

—Ahi é realmente um caso novo e sensacional, exclamou, logo que lançou o olhar para a carta. Custa-me a acreditar que haja em Nova York gente tão farta de viver que queira arcos a vida tão levemente por alguns milhares de dollars. (Uhe, sr. Holmes, creio que posso convidar a assistir antes da sua partida, a um espectáculo muito interessante. Temos de ir depressa, senão não chegamos a tempo.

—Que horas são?

—Faltam vinte e cinco minutos para a meia noite, e acho que devemos apressar-nos, para não perdermos nada.

«Venha comigo; contar-lhe-hei tudo durante o caminho, exclamou Bradford agitado, pegando no chapéu.

Enquanto Holmes se preparava igualmente para sair o redactor em chefe do «World» carregou n'um botão electrico.

Um instante depois entrou no gabinete um redactor.

—Chamou-me, sr. Bradford?

—Men caro Hoidin, disse Bradford, peço-lhe que reserve sessenta linhas de espaço na folha das noticias locais, para a edição da manhã, porque julgo que poderei entregar-lhe ainda esta noite um artigo interessante.

—Sessenta linhas? retorquiu Holding. Mas isso parece-me impossivel, pois temos a noticia da reunião dos congressistas, que hoje se realizou.

—Essa noticia terá que ser encurtada! interrompeu Bradford. Ah! eis o meu caro Braton.

Estas palavras dirigia Bradford ao primeira desenhador do «World», que estava incumbido de representar, pelo desenho, todos os casos especialmente interessantes.

—Sr. Braton, continuou o redactor principal, metta-se n'um trem e dirija-se immediatamente a ponte de Brooklyn, onde deverá achar-se, sem falta a meia-noite em ponto. Leve o seu kodak, que talvez tenha necessidade d'elle. Encontrar-nos-emos bem lá.

«Quanto ao sr. Goodman, continuou Bradford, dirigindo-se a outro homem que entrava e era o chefe da administração do «World», prepare as suas tropas

para amanhã de manhã, porque o nosso jornal deve ter amanhã uma venda colossal.

«Dê ordem nas officinas para imprimirem mais com mil exemplares que habitualmente. Vamos a isto, meus senhores, o «World» terá amanhã uma noticia tão sensacional, que todos os nossos collegas se metterão de inveja, porque nenhum terá conseguido apanhar esta noticia.

«Boa noite!

Um minuto depois, Bradford desceu ao ascensor, acompanhado por Holmes.

Chegando ao vasto hall, atravessou-o e mettu-se num dos numerosos trems que estacionavam sempre á porta, á disposição dos redactores, tanto de noite como de dia.

—Onde vamos, sr. Bradford? inquiriu Holmes sentando-se na carruagem.

—A' ponte de Brooklyn, replicou Bradford.

O cocheiro fustigou os cavalos, depois de lhe ter sido indicado o ponto para onde devia dirigir-se, e em breve o gentio policia viu que seguia o caminho que conduzia á celebre ponte de Brooklyn, a que chamamos com razão a «cortina maravilhosa do mundo».

CAPITULO II

Um salto da ponte de Brooklyn

—Creio que chegamos a tempo, exclamou Bradford um pouco agitado, olhando para o relógio.

«Em menos de vinte minutos estaremos na ponte, «Oiga, sr. Holmes, disse o redactor do «World» ao grande policia. Conhece um tal Stevie Brodie? Holmes secou-negativamente.

—Nunca ouvi esse nome, replicou depois d'alguns momentos de reflexão.

—Pois em tambem não, retorquiu Bradford. E'

um homem d'uns vinte e tres annos, que vai fazer esta noite uma coisa que, eu lhe guaranto, a vida em tornará um homem celebre em toda a America.

—Mas é certamente mais provavel que elle perca a vida, disse Holmes sorrindo.

—Assim penso tambem, pois até hoje nenhum dos temerarios que tem experimentado o saltar da ponte de Brooklyn para o East River, conseguiu voltar com vida á superfície.

«Fiz uma estatística das tentativas feitas até hoje. Ao todo são já 47 os trepadores e este Stevie Brodie será provavelmente a quadragésima octava victima.

—Sem duvida, continuou; mas o meu dever é relatar amanhã de manhã aos meus leitores esse novo salto e descrever como o infeliz d'appareceu nas ondas.

«Os habitantes de Nova York, amanhã ao tomarem o chá matinal, ficarão satisfeitos por nós lhe darmos uma noticia de suação.

«Amanhã ficaria sabendo que o quadragésimo octavo louco, chamado Stevie Brodie, encontrou a morte lançando-se do alto da ponte para o rio. Veja a carta que eu recebi há pouco na sua pressa; veja, sr. Holmes.

Bradford desdobrou a carta que lhe fôra entregue na redacção e entregou a os policia. Este leu a em voz alta:

«Sr. redactor em chefe.

«O abaixo assignado toma a liberdade de o convidar a assistir a um salto que dará da ponte de Brooklyn para o East River.

«Tenho 23 annos e não tenho uma unica probabilidade de vencer na vida, de forma que me lembrei de tentar ganhar os dez mil dollars que o sr. C. M. Bergey deixou no seu testamento. Aquelle que dásse este terrivel salto e que não succumbisse.

Pego-lhe que não avise a policia do meu intento e confio absolutamente na discreção de que o sr. Bradford tantas vezes tem dado provas.

Tenho a honra de o cumprimentar e fico esperando que será um dos convidados presentes hoje, á meia noite na ponte de Brooklyn.

Stevie Brodie.»

—Ahi eis ainda um post-scriptum, exclamou Holmes. Que diz elle ainda?

«P. S. Espero que o «World» sabará ser-me grato pelo esplendido artigo que eu lhe proporei, no caso de sair inculme da minha aventura, e é por esse motivo que eu não dei conhecimento da minha intenção a nenhum redactor nem reporter dos outros jornais de Nova York.

— Seja quem for este Steve Brodie, disse Bradford sorrindo, mostra extraordinárias atitudes para homem de negócio, pois não se engana nas suas previsões. Se sair a salvo da sua perigosa aventura, pode contar com dois mil dólares que lhe farei pagar imediatamente pela saída do "World".

— D'essa forma replicou Holmes, o salto da ponte é um bello negocio. Que ha adora dos dez mil dólares de que falla a carta e que am tal Bergly deixou em testamento? E' verdade?

— Sem dúvida! E' costume chamar-se á America o «país das possibilidades illimitadas», mas eu costume chamar-lhe o «país das loucuras illimitadas».

— Disse o senhor C. M. Bergly já arrastou á morte, com a estúpida clausula do seu testamento, nada menos de 47 pessoas.

«Esse velho maniaco teve repentinamente a ideia de incluir no testamento a noticia de que tinha depositado n'um banco de Nova-York dez mil dólares, e que essa somma seria para o homem que, dan o um salto da ponte do Brooklyn para o East-River, ficasse vivo».

— Porque não impede a policia de Nova-York a realisacao de tão absurdo plano? interrogou Holmes. Parece-me que era um dever a que a policia não devia eximir-se.

— Com certeza que a policia impediria a execucao de tal disparate, se fosse avisada previamente, sempre que alguém vae tentar o salto, replicou Bradford. O senhor leu a carta em que Steve Brodie me pede com insistencia, que não avise a policia do seu intento, afim de não o impedirem de o realizar.

— Amigo Bradford, retrucou Holmes, ponde-lhe a mão no hombro, acho que é seu dever avisar a policia de Nova York, afim de ser salva a vida d'esse louco.

— Meu caro Holmes, replicou com igual seriedade Bradford, eu sou antes de tudo redactor chefe do "World" e publicista, e como tal tenho deveres para com o publico, a quem devo noticiar sem delongas tudo e qualquer acontecimento sensacional; só em segundo lugar é que posso ter sentimentos humanitarios e deixei-o expandirem-se, sem comtudo chegar a ser expia da policia, para lhe revelar factos que ella tinha obrigação de conhecer.

«Pelo contrario, é para mim um grande prazer annunciar amanhã no meu jornal á policia que se lançou esta noite mais uma pessoa da ponte do Brooklyn para o East River, sem que a policia da policia d'isso tenham tido a menor suspeita».

«Chegamos á ponte! Pegue-lhe sr. Holmes, que não pretenda dissuadir o homem do seu intento. Iria notar com a resistencia de todos os presentes e nada

ganhar, pois se Steve Brodie não saltasse hoje da ponte, fal o hia n'outro qualquer dia».

A carruagem parou no ponto onde começa a ponte do Brooklyn.

O redactor e Holmes apressaram-se, seguindo rapidamente pela ponte.

Junto d'um dos pilares do meio viram um grupo de cem pessoas, approx malamente: homens e mulheres, conversando agitadamente.

Steve Brodie passára já varias vezes ao longo da ponte, que estava illuminada pelo esplendido luar que fazia.

A ponte faz uma impressao profunda a todos que a vêem pela primeira vez. Eff-ativamente, mas ha talvez outra construcção no mundo que mereça com tanta justica a admiracao que lhe é tributada.

Diz-se que foi construida segundo os planos d'um engenheiro allemão.

Se assim é, a Allemanha deve estar orgulhosa de possuir tal filho.

Sobre a ponte passa uma linha ferrea, varias linhas de carros electricos, além de caminhos para carros de carga, que a atravessam aos milvires durante todo o dia; ha ainda passeios vastissimos para os transeantes.

O taboleiro está a muitos metros acima do nivel do mar.

Olhando se para baixo, os proprios transatlanticos de normas dimensões par-com brinquedo de creanga. Calcula-se em 37 metros a distancia do taboleiro á agua, na occasião das mais altas marés.

Não admira, por isso, que ainda ninguém tivesse conseguido sair com vida do terrivel salto para a agua.

Se bem que a agua seja muito elastica; se bem que se afaste logo que um corpo n'ella penetra, a enorme altura da queda e a força da corrente, dão á superficie da agua a dureza d'uma chapa d'aco, sobre a qual um corpo humano ha de forçosamente despedaçar-se.

Steve Brodie não dava a impressao d'um homem que se acha certo do exito dos seus planos. Estava rodeado por grande numero d'amigos, que não eram mais que vadios da Nova York, pois Steve Brodie, em virtude de não ter tido em que se empregar, tinha chegado á ultima degradacao e pertencio aos ociosos da grande cidade, aos homens a quem o desespero leva ás aventuras mais phantasticas.

Steve era rapaz de estatura mediana, com um corpo forte e musculoso, não bem desenvolvido. O rosto, geralmente vermelho e respirando saude, estava coberto de intensa palidez. O cabelo d'um loiro arreuiado traziam a sua origem. Era um filho da verde Erin, era um irlandez.

Quando Bradford e Holmes se aproximaram do grupo que se formára junto das grades da ponte, ouviram soluçar baixo. Os soluços eram d'uma rapariga bastante nova que abraçava Steve Brodie e que não queria largá-lo.

— Não, não deixo, Steve, não posso consentir, ouviram os dois homens. Não saltes, que isso é um suicidio, é a morte o-rra.

— Então, tem um bocadinho de juizo, Maggie, replicou Steve Brodie, convencendo a meiguamente. De que me serve continuar a viver, se hei de continuar sendo sempre um pobre diabo sem eira nem beira? Que ganho eu em viver, se muitas vezes tenho fome e não t'enho que comer?

«isto não pode continuar assim. Nestas circumstancias não poderei nunca casar contigo, apesar do tanto o desejarmos».

— Mesmo assim, isso é melhor do que ter que te tirar morto do rio, exclamou a rapariga, chorando amargamente.

— Não, Maggie, respondeu-lhe Steve Brodie com firmeza, resolvi-me a deitar-me de cabeça para baixo e tem de ser!

«Se conseguir o meu fim, recebo immediatamente dez mil dólares. Casaremos logo e seremos felizes. Tenho a intima convicção que conseguirei sobreviver ao salto que vou dar».

«Sem meus caros amigos, ponham-me a botas espaciaes que em arranjar para este fim».

— Que especie de botas são essas? inquiriu Bradford, aproximando-se, juntamente com Holmes, de Steve Brodie que era rodeado pelos companheiros que o aclamavam jubilosamente e se dispunham a calçar-lhe as botas.

Eu sou Bradford, o redactor principal do "World", a quem o senhor dirigiu hoje uma carta.

— Ah! sr. Bradford! exclamou Steve com vivacidade, não imagina a alegria que sinto por ter vindo!

— Então, segundo vejo, sempre é certo? perguntou Bradford.

— Sou um pobre diabo a quem resta somente fazer esta ultima tentativa; tenho, porem, quasi a certeza de não morrer!

— Quem sabe? Talvez consiga o que tantos tem tentado — em vial replicou Bradford. Segundo vejo, essas botas tem bem sete solas

— Sr, Bradford, exclamou Steve Brodie, mostram do lhe as botas, por baixo d'estas solas está uma forte chapa de ferro. Em cada pé levei uns dez kilos de ferro.

— Com que fim?

— Para quê? perguntou também Holmes, aproximando-se com interesse.

— E' muito simples, retrucou o irlandez com um

sorriso cheio de astucia. Tenho a convicção que todos os meus predecessores tem pago com a vida o salto para o East River pelo facto de não terem podido cair verticalmente na agua.

«A maior parte tem batido com o ventre na agua e não é para extranhar que o corpo lhes tenha rebentado e que tenham tido uma morte horivel».

«Aqueles que tem tentado saltar de cabeça para baixo, deviam contar d'antemão com a morte, pois é evidente que o craneo humano não pode resistir a um choque tão formidavel».

«Eu, ao contrario de todos os meus predecessores saltarei da ponte e, em virtude dos pesos que levo presos aos pés, escaparei da morte vertical».

«Se eu conseguir portanto, touz primeiro com os pés na agua, hei de mergulhar a grande profundidade, mas conseguirei atingir rapidamente a superficie e nada me sucederá».

«E' n'estas botas que reside toda a minha esperanza de salvacao, continuou Steve Brodie após uma pequena pausa. E agora ladies e gentlemen, tenham a bondade de se afastar um pouco, p'ra que os meus amigos me ajudem a trepar á gr-de».

— Steve... Steve... adeu! gemeu a infeliz Maggie, debulhada em lagrimas.

«Peço-te ainda uma vez que não tentes tal loucural! Lembra-te que morreres se não tornar a vêr-te!»

— Atol! exclamou subitamente Holmes. Estou tomadas todas as precauções para que no caso do infeliz voar com vida á superficie da agua, possa ser recolhido immediatamente n'um barco?

Os homens que se achavam sobre a ponte entrolharam se espantados, pois ninguém estava apto a responder.

Parou, até, que no primeiro momento não atingim a significação das palavras de Sherlock Holmes.

— E' preciso que esteja, pelo menos, um bote junto da ponte, continuou o grande policia, que se aproxime rapidamente e recolha Steve Brodie, logo que elle voltar á superficie

«Venha, sr. Bradford, vamos nós tratar d'esta medida de segurança, que não pôde ser desprezada. Metter nos homens n'um bote e ficarem sob a ponte, promptos a acudir a Steve Brodie. Quanto aos senhores, exclamou Holmes, vultando se para os amigos de Brodie, não deixem saltar Steve antes d'os obgararmos lá abaixo e lhes darmos um signal de que tudo está a postos».

Holmes e Bradford dirigiram se então para um local de onde partia uma estrada que conduzia á margem e no ponto em que attizavam a arua tiveram a felicidade de encontrar amarrado um bote.

Saltaram ambos para dentro da embarcação, que

se dirigiu immediatamente para debaixo da ponte, impellido pelas remadas vigorosas do celebre policia, mantendo-se ali na proximidade d'um pilar, apesar da fortissima corrente.

Holmes e Bradford olharam para o alto da ponte. — Que Deus o proteja! pronunciou o policia em voz baixa. Eu não dava agora cinco centes pela sua vida.

— Creio que perderia o seu dinheiro, retorquiu Bradford. Apesar dos dez kilos de ferro que elle prende a cada pé, não deixaria de morrer. Nesse momento, ouviu-se um tiro, o signal dado por um dos amigos de Steve Brodie, que se achava sobre a ponte e, em seguida...

— Lá está elle... está! gritou Bradford.

— Veja como ele realmente a pruno, tal qual elle suppunha, exclamou Holmes. Lá desapareceu dentro d'agual.

— Não se enganou nos calculos que fez, replicou o redactor do «World», e agora já creio que venha a ser elle o primeiro que leva a cabo tão temeraria tentativa.

Justamente no ponto em que desaparecera Steve Brodie, começaram a desenharem-se alguns redemoinhos.

— Attenção! avisou Holmes ao mesmo tempo, elle vai apparecer agual!

— Ah!... Ah!... gritou Bradford, com a voz estrangulada pela commoção, eil-o, já vejo as duas mãos.

— Vamos, força! exclamou Holmes em voz alta, temos de tentar arrastar-o á corrente.

O policia puzou com ardor pelos remos, enquanto Bradford ajoelhava no fundo do barco. O tronco pendia-lhe completamente para fora da embarcação, e tinha os braços estendidos, prontos a arrastar Steve Brodie, logo que o bote d'elle se approximasse.

— Segure-o, seguro-o, sr. Bradford! gritou Holmes.

E o jornalista pegou com ambas as mãos no brago de Steve, cujo corpo acabava de emergir. Apesar da impossibilidade da corrente, segurou-o tão fortemente que as ondas não conseguiriam arrastar a presa. Não tinha, porém, força sufficiente para puxar o para dentro da embarcação sem a ajuda de Sherlock Holmes.

Com os movimentos dos dois homens o bote ficou em perigo imminente de voltar-se. Nenhum d'elle se preoccupou com isso.

Tratava-se da salvaguarda d'um infeliz, d'um homem que havia commettido um acto extraordinario e arrojado, e bastava isto para que o policia e o jornalista se interessassem.

Holmes metteu ambos os braços dentro d'agua,

pegou no fato de Steve Brodie e ajudou a metter-o dentro do barco.

— Mais para cima, mais! exclamou o policia.

E n'um esforço herculéo o conseguiram estender no fundo da embarcação o pesado corpo.

— Vivo ou morto? interrogou Bradford, caindo estendido sobre um banco, enquanto Holmes se curvava sobre Brodie.

— Vive! replicou o grande policia, o coração ainda batia; segundo me parece, pelo que posso agora observar, não soffreu nenhum trizamento importante. Ha de ter certamente o corpo cheio de todas as veias, mas julgo que conseguiu a r o primeiro a voltar com vida á superficie. Que seja elle tambem o ultimo a tentar o heroico salto!

A multidão que se apinhava sobre a ponte e que em breve augmentaria tanto que podia contar-se já por milhares, manifestava grande agitação.

— Vive? Não morreu? gritavam centenas de vozes ao mesmo tempo.

Holmes poz-se de pé no barco e gritou em voz alta e distincta, que ponde ser ouvida de todas:

— Vive, conseguiu o seu intento! Viva o heroe da ponte de Brooklyn!

Estas palavras de Sherlock Holmes encontraram eco em milhares peitos.

— Viva o heroe da ponte de Brooklyn! exclamou a multidão, e no jubilo que se manifestou em todos, até os proprios policemans que acorreram fizeram eco.

— Levem-lo para a margem, disse Bradford para o policia, quando este voltou a sentar-se a'um dos bancos da embarcação.

— Continuem sem dar acôrdo de si? perguntou Holmes.

— Parece que sim, replicou o jornalista; conserva os olhos fechados e tem cerrados os punhos. E necessario descer-lhe as mãos; voltará mais depressa a si.

Holmes ajoelhou junto de Steve Brodie e abria-lhe lentamente a mão direita, primeiro, e em seguida a esquerda.

— Que é isto? exclamou, surprehendido. Eis uma pequena capsula do metal que Brodie conservava fortemente fechada na mão.

— Talvez seja algum objecto que elle agarrasse machinalmente na agua e trouxesse á superficie, disse Bradford.

— É uma capsula, não ha duvida, meu amigo. Vamos olhá-la cuidadosamente este extrahido a luz, declarou Holmes.

Abriu o cofre e extrahiu d'elle um bote interior uma pequena lanterninha electrica quadrada. Uma ligeira pressão no botão bastou para que a luz saísse.

O policia approximou a capsula do rosto da luz.

— F. F. P. V. I. exclamou Sherlock Holmes saltando um grito. As letras mysteriosas que me perseguem já ha meses, quer esteja a dormir quer acordado! E agora «il-as gravadas aqui!

Então abria a capsula, depressa! pronunciou Bradford, cuja voz tremia de commoção. F. F. P. V. I.; isto significa sem duvida: «Fogos-Fatuos do Pantano Vermelho». Talvez o senhor encontre n'essa capsula o que ha tanto tempo procura em vão: a pista do grande bando internacional de criminosos que usa o nome de «Fogos Fatuos do Pantano Vermelho».

Holmes empallidecera levemente.

A mão tremia-lhe, ao pegar n'uma pequena torção d'ago com que abria a capsula que se achava soldada.

Extrahiu uma pequena tira de pergaminho.

— Contem algumas palavras na lingua especial dos criminosos... Ah! que enorme descoberta esta! se gredo o grande policia.

O redactor, principal do «World», curvou-se por sobre o corpo de Steve Brodie, para Holmes.

— Depressa, amigo Holmes! exclamou, diga-me o que está scripto n'esse papellinho. Leia em voz alta, que eu não resisto á curiosidade que me invade.

Um ligeiro sorriso encrespou os labios do genial policia, que dobrou cuidadosamente a tira de pergaminho, guardando-a n'um dos bolsos, juntamente com a capsula.

— Não se zangue commigo, meu caro Bradford, replicou, mas eu sei perfeitamente que o senhor é, primeiro que tudo, redactor do «World» e, como tal, tem o dever de dar aos seus leitores, á hora do café matinal, noticias de sensação.

«Ora pôde muito bem cair na tentação de servir este segredo aos seus leitores como prato de resistencia. Por consequencia, prefiro guardar para mim o conteúdo d'este documento. E' um segredo profissional e a base de todo o successo criminalista é o silencio e o segredo.

— Ah! Holmes, o senhor é cruel! disse Bradford; ha quatro semanas que me preoccupa o pensamento com o enigma F. F. P. V. I., e agora, quando pôde descriptar-me...

— Prefiro fazê-lo esta mais quatro semanas á espera da descriptação, mas, em compensação, prometto-lhe, Bradford: se n'essa espaço de tempo conseguir o que desejo e aniquillar os «Fogos Fatuos», o «World» será o primeiro e o unico jornal que publicará um telegramma meu a esse respeito.

— Está combinado, sr. Holmes, exclamou sorrindo o jornalista, rapidamente reconciliado e apertado calorosamente a mão do grande criminalista.

Entretanto, o bote tinha-se aproximado da mar-

gem, pois quer um quer outro dos dois homens não tinham parado de remar.

Steve Brodie, que voltára, entretanto, a si, passou para os braços dos amigos e da namorada. A linda rapariga soluçou de felicidade, quando Steve Brodie a titou com os olhos muito abertos, dizendo-lhe:

— Prometto-te, Maggie, que nem que me offerecessem um milhão de dollars, eu tornaria a lançar-me da ponte de Brooklyn.

— Era horrivel, lá em baixo; um comboio expresso não caminha com tanta velocidade como aquella com que eu mergulhei!

— Creio, porém, continuou, após uma pequena pausa, que estou a caminho de me tornar um homem rico.

Depois d'estas palavras, o arrojado rapaz respirou fundamente, fechou os olhos e perdeu novamente os sentidos por alguns momentos.

Steve Brodie, quando acordou no dia seguinte, no seu miseravel quarto na Bowery, era já um homem celebre!

Na America pôde alcançar-se gloria e dinheiro, praticando uma tolice assim, que nada mais seja no fundo de uma rematada levandade.

Steve Brodie via não só realizados como ultrapassados os seus mais phantasticos sonhos.

Na manhã seguinte, o «World» noticiou aos seus leitores, n'um artigo commovente, que vinha acompanhado do retrato de Steve Brodie, os acontecimentos da noite anterior.

Nova-York rejubilava e os jornaes estavam furiosos por terem ficado atrás do «World», mas tentavam agora contar aos leitores tudo que tinham conseguido saber acerca de Steve Brodie.

E o heroe da ponte tornou-se popular nos Estados Unidos d'um dia para o outro.

Receber os dez mil dollars que o maniaco Barkley tinha deixado em testamento ao primeiro homem que não morresse do salto da ponte de Brooklyn.

O «World» mandou-lhe um cheque de dois mil dollars e muitos adeptos entusiasmados, especialmente mulheres excentricas, entregaram-lhe importantes presentes em dinheiro, joias e outros objectos de valor.

Um editor espartilhado publicou uma biographia de Steve Brodie, que era falsamente annunciada como sendo escripta pelo proprio biographado, o joven irlandês não fôse capaz de escrever tres phrases seguidas com nexo.

Mas essa brochura produziu-lhe bastante dinheiro.

O melhor de tudo para o heroe do dia foi, porém, o seguinte:

Um espectador ganhou escreveu uma pegu intitulada: «Steve Brodie, o heroe da ponte de Brooklyn.»

Steve foi ensaiado de tal forma por um velho actor, que conseguiu desempenhar o papel de protagonista. No ultimo acto o publico via a decoraçao simulando a ponte de Brooklyn, maravilhosamente pintada, fingindo a noite de luar, e Steve Brodie dava todas as noites o terrivel salto para o East River, por entre os applausos entusiasticos e interminaveis da galeria, caindo, é claro, nas trazeiras do palco, sobre um macio colchão.

Desempenhando este papel, Steve Brodie ganhou tanto dinheiro que ficou rico em breve. Ao mesmo tempo, tornou-se proprietario d'um magnifico restaurant, que dirigia, augmentando notavelmente a sua fortuna. Comprou varias casas, e fundou um bar modelo, que estava sempre cheio de friguezes, pois ainda passados algunos annos existiam curiosos que desejavam ver e falar ao heroe.

A unica pessoa que ficou prejudicada com a mudanca extraordinaria felle da vida de Steve foi unicamente a pobre e bella Maggie.

Steve Brodie teve o cynismo sufficiente para declarar á sua leira compatriota, depois d'algumas semanas, quando viu que estava a caminho de se tornar um homem rico, que nem de leve pensava em perder a sua liberdade ou mesmo em continuar as suas relações com ella.

Nem os peíidos nem as lagrimas da desgraçada rapariga conseguiram d-movê-lo; como tudo o verdadeiro irlandez, não houve meio de o fazer alterar a sua primitiva resoluçao.

Desesperado e profundamente horrivel amesgas, Maggie afastou-se do traidor.

CAPITULO III

Ciganos

Dois ciganos caminhavam por uma estrada da Hungria, bastante afastada da cidade de Szegedin, n'uma linda tarde de maio.

Um dos mais nómadas era alto e magro; uma barba reitamente negra adornava-lhe o rosto lisado do sol, enquanto o companheiro era imberbe e aparentemente ser extremamente novo.

Vestiam o traje dos ciganos nómadas, rito e remediado, mas teneo phantastico e pittoresco, especialmente em virtude da longa capa cinzenta que lhes caia dos hombros e que dava ao mais alto uma extranha apparencia.

Do grande sacco de coiro que o mais joven trazia pendente do cinto, saia um violino e a embocadura d'uma trompa. Como todos os ciganos, estes eram musicos.

Não era facil de adivinhar onde queriam ir exhibir a sua arte musical, pois a cidade ficava a muitos kilometros de distancia e havia muitas horas que caminhavam sem terem encontrado viv'almas.

Estás fatigado, Harry? perguntou de subito o mais velho dos dois caminhantes.

Era extranho o nome do joven, n'um ciganol! O mais extranho, porém, é que o homem da barba negra não se servia da lingua da sua tribo, mas fizera a pergunta em purissimo inglez.

Estavam ambos a pé n'aquella solidão, n'aquelle infameval mar de verdura, pois podia olhar-se livremente a muitas milhas de distancia e era impossivel encontrar uma arvore atraz da qual algum pudesse occultar-se e escurar.

Ainda não me queixei, mestre, replicou o mais joven, porque tal não é meu costume; mas já que pergunta, não quero deixar de confessar: os meus pés quasi não querem mover-se, pois desde que comecei a andar esta manhã, ao partir de Szegedin, ainda não repousámos um só momento.

E' verdade, e talvez tenha abusado demasiadamente das tuas forças, retorquiu o mais velho, mas não podia deixar de ser, meu rapaz.

Alugar um carro ou arranjarr cavallos não podia ser, porque nunca nos tomariam ensio por pobres ciganos, cujo traje adoptamos. E' esta a razão do longo trajeto a pé, que teremos de continuar para alcançarmos o fim da nossa viagem até á meia noite.

—A' meia noite! exclamou o joven ciganol aterrorado. Ah! meu Deus, mestre, então temos ainda umas boas quatro horas para marchar! Seja como for, resigno-me, apesar de não saber qual a razão da nossa tão repentina partida para a Hungria.

—E' verdade, meu querido Harry, vases saber tudo agora. Vamos sentar-nos um pouco n'aquella cora d'arvore e confortemo-nos o estomago com as virtualhas que trouximos de Szegedin, ao mesmo tempo que tu prestarás attenção ao que vou contar-te.

Poucos minutos depois estavam os dois falsos ci-

ganos sentados na profunda cora, que era quasi uma caverna, onde podiam abrigar-se.

Examinaram bem a cavidade em todos os seus recantos, pois não é raro, na região, occultarem-se os lobos nas cavidades das pedreiras e dos arieiros.

Efectivamente, tiveram a prova que a cora que lhes servia agora de lugar de repouso fora até habitada por lobos, pois viam-se ainda meio rotos os ossos d'um cavallo.

—Vamos collocar aqui a nossa lanta mesa, pronunciou o mais velho, ao mesmo tempo que um leve sorriso lhe albrava os labios. Quem seria capaz de supor que, neste momento, o conhecido policia Sherlock Holmes, em companhia do seu não menos conhecido ajudante Harry Taxon, estavam preparando-se para jantar n'uma cora «excavada na areia pelos lobos das planícies da Hungria? E' vases salher-nos melhor que muitos jantares que temos comido em mesas elegantemente postas.

«Temos carne frita, presunto, pão, leite condensado, que teremos de tomar directamente da lata, e até se quizeres um goto de excellent cognac, tenho-o aqui á tua disposição.

—Supponho que já comemos muitas vezes peor, sr. Holmes, disse Harry, sorrindo e atacando desodadamente os alimentos, no que foi imitado por Holmes.

Após a refeição, o policia acendeu o cachimbo e, depois de ter «expellido algumas fumaças, voltou-se para o seu joven companheiro e começou a dizer:

—Sabes, Harry, que ha bastante tempo já que procuro os membros do mysterioso bando internacional que se denomina «Fogos fatuos do pantano vermelho».

«Ora um feliz acaso mostrou-me que elles tencionam encontrar-se na noite de 16 para 17 de maio, sem duvida para assentarem nos planos de novos crimes. Para idearem novas ladroerias, para dividirem ganhos ou ensio para resolverem qualquer dissensão que se tenha dado. Olha, continuou Sherlock Holmes, mettendo a mão n'um dos bolsos de seu roto casaco castanho, n'esta capsula de metal que eu achei em tempos na mão contrahida do saltador da ponte de Brooklyn, é que eu descobri o segredo.

Carregando n'uma pequena mola, Holmes abriu a capsula e tirou de dentro d'ella uma tira de pergaminho muito fino, que desdobrou.

—A primeira coisa que vi, continuo, foi que estas palavras estão escriptas na linguagem especial dos criminosos. A traducção não me foi nada difficil e até mesmo tu, Harry, conheces já bastantes das segredos d'esta extranha lingua para poderes decifrar o conteúdo sem grande custo. Ora lê em voz alta o que ahí está escripto: *«Um bando de lobos e cães de caça de Harry Taxon, com a ajuda de um cão, está a preparar-se para atacar a cidade de Szegedin, na noite de 16 para 17 de maio, sem duvida para assentarem nos planos de novos crimes. Para idearem novas ladroerias, para dividirem ganhos ou ensio para resolverem qualquer dissensão que se tenha dado. Olha, continuou Sherlock Holmes, mettendo a mão n'um dos bolsos de seu roto casaco castanho, n'esta capsula de metal que eu achei em tempos na mão contrahida do saltador da ponte de Brooklyn, é que eu descobri o segredo.*

CHARTRESS KIRLEY, maro Carda Kirally 16 17 Monda majala Essere durbi.

F. F. P. V.

Isto traduz-se facilmente. Significa: «Cumulo da grande liga na cora da Luz, entre 16 e 17 de mez de maio. Negocios importantes.»

F. F. P. V.

—Assim é meu rapaz! sorriu Holmes, satisfeito. As quatro iniciaes nada mais significam do que: «Fogos fatuos do pantano vermelho».

—Resumendo: esta noite, os bandidos combinarão reunir-se na cora da Luz. Quando li essas palavras pela primeira vez, em Nova York, perseguido instantaneamente que essa cora só podia ser na Hungria, onde a Præsta offerece esplendidos esconderijos, em suas maravilhosas solidões.

—Deves recordar-te que, logo na mesma noite em que Steve Brodie executou o seu celebre salto da ponte, nós preparamos as malas e partimos no vapor do dia seguinte para Inglaterra.

Verifiquei apenas que se achava tudo em ordem em nossa casa, peguei na correspondência que a sr.^a Bonnet me guardara e dirigi-me o mais depressa possível para o continente, mettendo-me no comboio para Budapest e Szegedin, de onde nos dirigimos para aqui, disfarçados em ciganos.

Holmes aspirou em silencio algumas fumaças e fitou o discipulo demoradamente:

—Se eu te disser que o bando dos «Fogos fatuos» combinou reunir-se esta noite na cora Kivittally, porque motivo, na tua opinião, não preferiam elles escolher para esse effeito, Berlim, Vienna, Londres ou Nova York?

Harry hesitou um momento e respondeu em seguida: —Supponho, mestre, que o fizeram por se acharem aqui em absoluta solidão e sem receio de serem incommodados pela policia.

—Não, meu caro, ainda não estás á altura de fazeres combinações e tirares conclusões de factos minimos.

—Pois eu digo-te que teem outro motivo muito importante: é porque esperam encontrar aqui presa abundante e valiosissima.

O discipulo do policia fitou-se vermelho e empalideceu logo em seguida.

—Perito, mestre. Não comprehendo porque meço a tua consura. Não posso mesmo pensar que especie de presa abundante e valiosa, elles esperam encontrar aqui!

—O que tenho visto até aqui nada mais tem sido que um bando de verdura, semente, de longe

em longe, de cabanas meio arruinadas, de czardas, e não creio que salteadores encontrassem alguma coisa para roubar. Onde podem existir thesouros n'este deserto?

Holmes erguera-se e batia o cachimbo.

— A' meia noite ouvirás, tu mesmo, meu rapaz, exclamou negligentemente. São heras de proseguirmos no nosso caminho. De resto, acceitamos, pondo a mão no hombro de Harry, não te apoquestes muito, por causa das minhas censuras, porque não pretendi magoar-te. Tenho a certeza que entre milhares de policias não um unico teria respondido promptamente ás minhas perguntas.

— E o resto, perguntou Harry, occupado a devorar os menses da refeição, não me pôde explicar por causa de quem é que «Fogos fatuos» querem renhinar-se na Pusta?

— Posso, sim, retorquiu Holmes, rindo com expressão satisfeita. E dir-t'o-hei com uma só palavra.

— Qual é essa palavra? inquiriu Harry, que tinha prendido novamente a cinta a bolsa de couro e recommençara a caminhar.

— Vandérbil, replicou Holmes.

CAPITULO IV

O assalto na czarda

Na czarda Kirally, onde os dois policias chegaram proximo das onze horas, reinava grande alegria. Sherlock Holmes e Harry aproximaram-se d'uma das pequenas janellas e olharam através os vidros para o interior da miseravel hoespalaria.

Em volta de pequenas mesas estavam sentados uma vinte hoespedes.

— Eram, em parte, pastores de cavallos, e os restantes eram viajantes que qualquer negocio tinha le-

vado a atravessarem a Pusta e que aproveitavam a occasiao para passarem a noite na czarda, pois certamente não lhes apeteia exporem-se aos perigos da região.

Viam-se tambem algumas raparigas, talvez as filhas do estalajadeiro, que passavam entre os hoespedes, detendo-se junto d'um ou d'outro fumando, bebendo e conversando, de fórma que era grande o ruido dentro da sala.

Parece-me que já achei a minha gente, segredou Holmes para Harry Taxon. Vês aquellos cinco homens, junto da mesa redonda, ao canto da casa e que não parecem pertencer á refeição? Um d'elles tem a apparencia d'um commerciante de gado. E' um herculeo, de largos hombros, tronco fortissimo e rosto avermelhado; se me não enganar, aquella vermellidão não é natural, e é causada por uma forte dose de carmin.

— O segundo, sentado em frente d'elle, parece um pintor allemão; o terceiro, que está sentado na mesa que está proximo da porta, parece um viajante inglez, mas é, como os outros dois, um bandido disfarçado. Quanto ao quarto e ao quinto, tiveram ambos a occasiao de envergarem o uniforme de officios de cavallaria austriacos; contaram naturalmente ao estalajadeiro e aos outros hoespedes que tiveram que proceder a uma marcha de reconhecimento na região.

— Ora, devem ser estes os bandidos que eu procuro e que precisamos aniquillar esta noite.

N'este momento, um dos dois pseudo-officiaes de cavallaria viram os dois ciganos encoados a janella.

— Olá, estão alli dois ciganos, senão me enganar, exclamaram vivamente.

— Ah! meus senhores, disse tambem o estalajadeiro alegremente, vamos divertir-nos um pouco. Entrem depressa, meus moços; com certeza que sabem ambos tocar e todos nós gostamos de ouvir um bocadinho de musica.

— Vamos a elle! — segredou Holmes. Anda, meu rapaz, fica tu callado e eu sei o motivo da ausenção dos ciganos, ha já bem oito dias, — exclamara pouco antes. A policia anda sempre em cima d'elles, — explicou. Deram-se alguns crimes e por isso é que não permitem aos ciganos que estejam em parte nenhuma. Quem perde com isso sou eu, porque antigamente tocávam aqui durante toda a noite e passava-se muito bem. Não é verdade, pequenaa? perguntou

voltando-se para as tres filhas, todas ellas com o typo acastado de ciganos, pois possuam o cabello negro retinto, os olhos falbacios e, quando sorriam, mostravam uns dentes maravilhosos.

O pae era certamente um antigo cigano.

— Sim, pae, é verdade! — replicou Minka, a mais nova e de todas a mais bella, — quando ha ciganos, ha distracção.

Em seguida, a rapariga aproximou-se d'um dos officios de cavallaria, com quem já tinha estado namorando.

As duas outras raparigas dedicaram-se só aos hoespedes reconvidos, sem se importarem n'essa noite com os pastores de cavallos e postilhões com quem costumavam entreter-se habitualmente.

Holmes e o seu companheiro penetraram na czarda. O estalajadeiro e as raparigas vieram ao seu encontro e de todas as mãos partiram convites para que se approximassem e exclamações.

— Toquem, ciganos, que nós queremos musica e alegria.

— Quem são vós, rapazes? — perguntou Janos, o hoespedeiro, observando detidamente os dois suppostos ciganos: — ha mais de vinte annos que vivo aqui e nem uma vez ainda os vi passar á minha porta.

Sherlock Holmes curvou humildemente a cabeça.

— Acordito, senhor, — replicou, — os pobres ciganos andam de terra em terra e passam-se ás vezes dez, vinte e mais annos sem que voltem ao ponto onde nasceram. Ha muitissimos annos que eu fui para a Russia com um grande bando.

— Sim, a musica dos triganos é muito querida em toda a parte — exclamou um dos officios de cavallaria — especialmente na minha terra, em Vienna, quando é bem tocada para dançar.

Sherlock Holmes abalara de se curvar perante o hoespedeiro. Observou muito bem o pseudo official e percebeu lhe na falla um acento que recordava a maneira de pronunciar dos polacos.

Ultimamente tivemos uma grande infelicidade — continuou Holmes. — Fomos assaltados por cossacos, ao atravessarmos a steppe; eram em numero cinco vezes superior ao nosso bando, de forma que só eu e Rigo, o meu companheiro conseguimos escapar. Pudémos fugir, ambos, e sentimos subitamente uma saudade immensa da Pusta, onde eu nascera, e á qual não podémos resistir.

— Disse então a Rigo: «Nasceste no estrangeiro, não visto ainda a Pusta, vamos at' lá» E para aqui nos dirigimos, chegando á esta czarda. Dêem nos de beber e de comer, que nós tocaremos durante a noite.

— Sentem-se, ciganos, sentem-se! — exclamou Janos, — vou fornecer-lhes de tudo que posso: pão, presunto e um vinho oo mo só na Pusta se bebe!

Antes que Sherlock Holmes e Harry Taxon pudessem impedir-o, foram levados para um canto e Minka pôz-se a servi-los.

Os dois ciganos começaram a comer aparentemente com uma fome devoradora, mas, apesar d'isso Sherlock Holmes não perdia um só dos movimentos dos cinco homens sentados a uma das mesas.

Se bem que os seus disfarces fossem sabiamente feitos, Holmes reconheceu em dois d'elles criminosos de quem já se occupára tempos antes.

Especialmente o supposto negociante de gado na Austria, provocava a curiosidade do grande policia, pois Holmes suspeitou que se tratava d'um criminoso celebre, chamado Tomansinck, e conhecido no mundo do crime pela alcunha do *Tio Tom*.

A carreira d'este homem, que fôra um negociante de tabo, muito considerado em Berlim, consistia de uma longa serie de crimes: abusos de confiança, falsificações, roubos com arrombamento e até alguns assassinatos.

Infelizmente, a policia de Berlim não conseguira apoderar-se d'elle.

O *Tio Tom* fugira de Berlim, havia dois annos e nunca mais se soubera d'elle.

O outro criminoso que Holmes reconheceu era um assassino de Whitechapel. Pertencia ao bando dos cascos de arcaes, que tão numerosos crimes commettiam em Londres, durante a noite, approximando-se das victimas pela rectaguarda, sem serem presenteados e applicando-lhe uma formidavel pancada no craneo com o sacco d'arica de que vinham munidos, e que inutilisava logo os desgraçados.

Em virtude d'isso, chamavam a esse perigoso bandido, em Whitechapel, o «Sandox».

Um terceiro dos que compunham o grupo que estava disfarçado de pintor, provocou igualmente a attenção de Holmes.

— Será Garnier? perguntava a si proprio o policia. Será o antigo chefe dos apaches parisienses? O unico do bando que conseguiu escapar, quando a policia de Paris lhes deu caça a valer?

Sherlock Holmes tinha a firme convicção que todos os cinco homens sentados em volta d'aquella mesa, eram membros da associação secreta «Fogos fatuos do pantano vermelho» e que se tinham reunido alli para commetterem um grande crime, que o policia suppunha qual fosse.

— Toquem, ciganos, toquem! — exclamou a trigueira Minka, batendo alegremente as mãos, — nós queremos dançar.

— Sim, dançar, dançar! — disseram as duas restantes raparigas, no que foram imitadas pelos pastores de cavallos e postilhões.

Sherlock Holmes e Harry Taxon puseram-se a

pé, junto da meza onde tinham estado sentados. O polido pegou no arco e começou a tocar, sendo acompanhado por Harry.

O celebre criminalista sabia tocar rabeca perfeitamente à moda trígena. O grande mestre tocava muitos instrumentos, e muitas vezes esta apudão lhe servia para simular ser profissional.

Harry Taxon, por seu lado, não sendo um virtuoso, nem por isso fazia má figura e soprava na trompa com toda a força dos seus robustos pulmões. Uma ou outra nota falsa era abafada pela rabeca.

A algazarra tinha-se comunicado a todos os presentes.

As raparigas faziam o possível para entreterem os frequentes, de forma que fosse vendido bastante vinho.

Passavam dos braços d'um para os braços d'outro saltando entusiasmadas e olhando para o tecto com olhos torcos, enquanto se curvavam para traz, para apressarem o andamento da dança.

— Mais depressa, ciganos! — exclamou a trigueira Minka. — Não são capazes de fazerem caminhar o arco tão depressa como me caminha o sangue nas veias!

No mesmo momento em que Holmes se di-punha a apressar o andamento abriu-se subitamente a porta da esquadra e entrou um homem alto, avergandando uma libra de trintanário, toda apalodada d'ouro.

— Onde está o estaladuro? — gritou. — Succedeu um desastre ao nosso senhor, o excellentissimo conde de Sereeny.

O effeito d'este nome foi immediato. Os que dançavam pararam repentinamente; a musica dos ciganos cessou, e em todas as mezas se levantaram os homens, redondo o trintanário, que foi assediado com pe guntas!

— Pelo meu santo da guarda, — pronunciou Janos, — voçê está a brincar comosco? Então o senhor conde vem de Pusta, durante a noite, a hora em que só os lobos andam por fóra?

— Então, de-he para allí! — replicou o trintanário reprimendo profundamente pois parecia ter corrido diante bastante tempo. — Os senhores tem as veias d'estas manhas. Eu logo avizo o senhor e os senhores que não pensasse na viagem aravez a Pusta.

— Bóba um copinho de Toky, — exclamou Minka trazendo-lhe um copo. — Quasi não pôde respirar.

— Muito obrigado, bella rapariga. Tenho a garganta tão secca que não posso falar! Corri mais d'um kilometro, como se tivesse o inferno a correr atraz de mim. Ora, cigam o que succedem, — continuou depois de ter esvaziado o copo.

— Todos sabem que meu amo, o conde Jorge Sereeny, casou com a linda Alice Vanderbilt.

— Eative com elle na America, vi Nova-York e apresento quando se realison o casamento. Isso é

que foi uma festa! A America inteira arregalou os olhos, ao vêr como se lançava fira o diabinho.

— Não admitir, porém, que assim succedesse, porque os Vanderbilt tem tanto diabinho como metade da Hungria reunida e a minha ama trouxe de dote cem milhões de coroas.

— Em seguida ao casamento, voltámos para cá e o senhor conde mandou comprar um esplendido castello em Segedin, que é a mais valiosa propriedade da Hungria.

— Devimos falar n'isso! — interrompeu Janos, — dizem que o castello é uma maravilha, não fallando já nas florestas e campos, e na enorme quantidade de gado.

— Pois tudo estaria bem, — continuou o trintanário — se o senhor conde e a joven senhora não tivessem resolvido vir passar a lua de mel ao velho castello da Hungria. Isso, porém, ainda não se pôde, se a nobreza condesa não tivesse tido a ideia de desprezar o comboio, para se dirigir Isegedin, preferindo atravessar a Pusta em carruagem. «Senhor conde» disse eu aatravez a Pusta passam muitos ciganos e saltadoes; nunca, porém, um nobre se lembrou de atravessar a Pusta, conduzindo a sua joven e bella esposa».

— Tens razão, Estevão, — respondeu-me o conde Jorge, — mas que queres tu que eu faça; minha mulher quer ver a Pusta ao luar, porque é extremamente romantico!

— Hontem á noite chegámos sem novidade a Edes-colum; tornei a aconselhar que passassemos allí a noite, pois ha uma boa hospedaria, camas macias e, o que é mais importante, nem lobos nem ciganos.

— O meu aviso, porém, não surtiu resultado. — Partimos ás 8 horas da noite, o conde e a condesa na carruagem, o cocheiro e eu na buleia e dois creados de taboa na rectaguera.

— A carruagem era puxada por quatro cavallos, dos melhores que se tem visto na Hungria. Pensei que estaríamos amanhã de manhã em Segedin e tudo se passaria bem.

— Para dizer a verdade, os senhores não tiveram nada a que pudessem chamar romantico, pois poucos minutos depois das onze horas o céu cobriu-se de nuvens negras como carvão.

— Acabaram-se as estrellas e o luar que, como affirmava a senhora condesa, vem beijar as flores e as herbas da Pusta e só as lanternas da carruagem e os archotes dos dois creados allumiavam fracamente o caminho.

— Atraz de nós ouvimos o uivar dos lobos e eu aperee a espingarda pensando, ao mesmo tempo, no susto por que estaria passando minha ama.

— Ella, porém, encestava-se ao senhor conde, exclamando: — Oh! como é bello estar sentada junto de ti,

meu Jorge, sentindo uivar os lobos! Que romantico!

— Justamente no momento em que a condesa ia a recompar as suas exclamações romanticas, eis que sentimos um estalido fiedonho, e eu sou projectado para longe, batendo com a cabça no chão. Os dois creados foram lançados a uns dez metros de distancia, enquanto o cocheiro ficava cahido entre os cavallos, sendo um verdadeiro milagre nada ter succedido a meus amos, pois a carruagem ficou cahida de banda.

— Que aconteceu? — perguntou Janos.

— Foi o que perguntei a mim proprio, — replicou o velho Estevão, — pois que não conseguí comprehender o que se passara.

— A primeira coisa que me vi obrigado a fazer foi disparar dois tiros da minha espingarda, para afugentar os lobos; em seguida ajudei o conde e a condesa a sahirem da carruagem, fomos todos observar a carruagem, depois dos creados terem accendido os archotes e vimos que tinham cahido as duas rodas de traz. Isto é para mim uma prova que houve alguém em Edes-colum que desapertou as porcas das duas rodas.

— Ha muito patife no mundo!

Estevão tornou a humedecer as guelras com o vinho de Tokay, e proseguiu:

— Mas já tenho dado á lingua demais. Os senhores estão na Pusta, a uma milha d'aquí, junto da carruagem e eu tenho que lhes levar socorros para que possam proseguir na viagem. Depressa, hospedeiro, dê-me o seu carro de verga, que é leve e que eu vi debaixo do telheiro. Atrélamos os nossos cavallos e chegamos amanhã de manhã a Isegedin, tão certo... Jesus, que me mataram! gritou do subito cahido por terra.

O pintor ambulante, porém, que até ali se conservava sentado, com os restazes, estava agora de pé, sobre uma cadeira. Empunhava o revolver, ainda fumegante.

— Deite-se por terra, trovejou, quem não quizer morrer! A esquadra pertence-nos e voçê passará todos a noite na cave, amarrados, mas ninguém lhes fará mal.

Sempre queremos ver, vociferaram dois pastores de cavallo, não não deixamos...

Não puderam continuar.

Souam novas detonações e mais duas victimas rolaram pelo chão.

Em seguida, os cinco bandidos lançaram-se sobre os outros hospedes, que tinham cahido de joelhos, implorando piedade de mãos postas. Em menos de dez minutos, quatorze pessoas estavam amarradas e amordaçadas, sendo depois atiradas para a cave por um algação.

— Oh, amigo Garnier, pronunciou a voz do Tio Tom contei bem ou ter-me-hei enganado? Quando o trintanário entrou, estavam, além de nós, dezasseis pessoas na esquadra, com o trintanário deviam, por consequente, ser dezassete.

— Assim é, replicou Garnier, o chefe dos apaches parisienses, estão tres estendidos no chão, mortos; doze atirados nda para a cave... demonio, filam dois!

— Os dois ciganos, gritou Sandbox, onde estão?

— Fugiram, exclamou Garnier furioso. — Sairam pela janella, logo ao primeiro tiro. Penso que nada devemos recear d'elles, porque estão a pé e eu que vou atrahir á esquadra o conde e a mulher, servir-me-hei do cavallo mais rapido que o Jesus tem na cavallaria. Avante, «Fogos fatuos», eis chegado o dia. Estão distribuidos os papéis e cada um de voçê sabe o que tem a fazer.

— O principal é a grande mala de couro onde a joven condesa conduz todas as suas joias; tudo isso nos virá parar hoje ás mãos. «Fogos fatuos», ja temos feito bellos negocios, mas jogamos hoje o melhor triumpho, pois apoderamos-nos de milhões de Vanderbilt!

CAPITULO V

A traidora

N'esse momento abriu-se silenciosamente a porta da sala de jantar da esquadra e no aposento penetrou uma mulher.

Era uma vagabunda ou era um phantasma da Pusta, que assim surgia, subitamente, no meio dos bandidos?

Aquella homena enxada e sem preconceitos, membros dos Fogos Fatuos, recusaram no deparar se-lhes a joven mulher, com os vestidos rasgados, andrajosos,

sem meias nem calçado nos pés e avançando para elles-nemerata.

— Não era, com certeza, uma cigana, porque lhe faltavam todos os característicos da raça.

— O que mais provava esta asserção era a cor ruiva do cabelo, que lhe pendia, solto, pelas costas.

— «Eh! quem és tu, mulher?» exclamou Garnier o chefe dos apaches, levantando traiçoeiramente e lentamente o revolver.

— A vagabunda fitou o sem dar mostras do mínimo receio.

— «Atira á vontade, disse, com expresso ironia, mata-me, que pouca importância dou á vida, de que estou farta. Se o fizeres, porém, estareis perdidos, vós, os «Fogos Fatuos do Pantano Vermelho»; leva-se para o tumulto um segredo que poderia ser a vossa salvação».

Um grito de espanto e terror saiu dos lábios dos cinco homens.

Garnier, d'um salto, approximou-se da rapariga e, pegando-lhe nas mãos, olhou-a fixamente, dizendo:

— Pronunciaste um nome cujo conhecimento equi vale para ti uma sentença de morte. Fala: como conhecaste a existência do nome «Fogos Fatuos do Pantano Vermelho»?

A ruiva pareceu comprazer-se, por momentos, no receio que inspirára ao homem e replicou em s-guida, acanhadamente:

— «De-me dinheiro, muito dinheiro, deixem-me parte na vossa presa» a voz do rei, para que não calem nas mãos d'um homem que jurou aniquillá-los a todos.

— «Quem é esse homem?» gritaram os cinco bandidos simultaneamente.

— «Hum! d'essa maneira interrogam-se as creanças. Eu não quero ter feito debalde a viagem através a fronteira, não quero ter vindo debalde a mendigar de Hamburgo para Vienna, de Vienna para Budapest, e d'alli até á Oester Kirally, na Pusta. Já que não posso ser feliz pelo amor, quero sê-lo, no menos, pela fortuna. Que me offerecem pelo meu segredo?»

— «Ninguém compra gastos em assos, retorquiu o tio Tom, piscando o olho aos outros, se o teu segredo tiver realmente, para nós, o valor que asseveras, pagar-to heis bem generosamente».

— «Jurem-me que me tomarão para o vosso bando; eu posso ser-lhes útil, pois não um homem nada pode fazer, consegue muitas vezes uma mulher atrai grandes successos».

— «A pequena tem razão, declarou Garnier; creio que quando estiver lavada e trouxer uns trapos bonitos a enfeitar-lhe o corpo, poderá atrair nos montes presa rica para a ratoeira. Estamos de accordo, Rui-

va, continuou, pertences ao nosso grupo, aqui tens a minha mão. Prometido, Falia, agora.

— «Estão perdidos, se não procederem com esper-teza e energia, exclamou a rapariga. Esta noite este-vo no meio de vós Sherlock Holmes e grande crimi-nalista».

— «Maldito rouquejon Garnier, empallidecendo, ao mesmo tempo que os companheiros demonstravam intenso terror, começou agora a suspirar; os dois ci-ganos...»

— «Eram Sherlock Holmes e o seu discípulo, não duvidem, afirmou a Ruiva».

— «Não mandaram para a America, a um dos vos-sos, a ordem de reunir aqui, esta noite, escripta em uma tira de pergaminho e guardada dentro de uma capsula de folha de ferro?»

— «Com os dachos disse a verdade, mulher! exclamou Garnier; mandei o pergaminho, n'uma capsula de metal, a Pitt Neverton, para Nova-York, mas elle não compareceu».

— «Neverton morreu; replicou a rapariga. Eu surpreendendo pela policia, ao praticar um arrombamen-to; fugiu, sendo perseguido e correndo pela ponte de Brooklyn. Vi, então, vindos do extremo opposto da ponte, novos perseguidores. Para não lhes cair nas mãos, preferia morrer e lanço-me ao rio».

— «Quinze dias depois, um outro homem lançou-se da ponte ao East River, não para morrer, mas para ficar rico no caso de sobreviver».

— «Esse homem era Steve Brodie, o meu amante».

— «Steve Brodie? repetiu Sandhez. Li o nome d'el-le nos jornaes».

— «Esse Steve Brodie, proseguiu a rapariga ruiva, foi tirado da agua, sem sentidos, por dois homens que se tinham approximado n'um barco. Brodie aper-tava n'uma das mãos uma capsula de metal que tinha agarrado inconscientemente no fundo do rio».

— «Um dos seus salvadores abriu a capsula e leu o pergaminho».

— «Era esse homem era Sherlock Holmes!»

— «Daqui a quatro semanas, terei n'as minhas mãos os «Fogos Fatuos do Pantano Vermelho» exclamou triumphantemente o policia, voltando-se para o hom-em que o acompanhava. Nem mesmo a esse, porém elle mostrou o que continha a tira de pergaminho».

— «Steve Brodie, que voltára a si do desmaio, en-tratante, tinha ouvido tudo e, lançando um olhar sobre o pergaminho, conseguiu ler as poucas palavras que n'elle se continham».

— «Quando tratou de Steve Brodie, que se conservou de cama no dia seguinte, elle contou-me tudo; escre-vi as palavras que elle me dictou e, m-is tarde, quan-do o irlandez Brodie, a quem subira á cabeça o di-nheiro tão rapidamente adquirido, me desprezou e

abandonou, resolvi ganhar dinheiro com aquelle sa-gredo. Um criminoso traduziu-me as palavras myste-riosas».

— «Poucos dias depois saí de Nova York. Obtive o dinheiro para a passagem, arranhando um *gentleman* a um hotel, dando-lhe um narcotico e roubando-lhe a bolsa».

— «Felizmente, o conteúdo d'ella foi sufficiente pa-ra me facilitar a viagem até Hamburgo; e, sabendo tudo agora, «Fogos Fatuos do Pantano Vermelho»; sa-beis tambem que vós encontrastes n'um grande perigo. Ao mesmo tempo, tendes de confessar que a ruiva Maggie é um digno membro do vosso bando».

— «S, sim, mulher, exclamou apertando-lhe a mão, temos, realmente, muito que agradecer-te. Ficaria commoço e não teria de que te agradecer, no caso de escaparmos d'esta noite. «Fogos fatuos», a nossa situação é infernalmente critica! Sherlock Holmes está-nos na pista; poderéi mesmo dizer que nos tem quasi agarrados, mas demonios me levem se não hei-de conseguir escapar-lhe».

— «Depressa, venham commigo á cavallaria; vou preparar uma isca, e elle ha de cair como uma engui-a».

— «Alto, para ahí, meu rapaz, e responde-te depressa átraz d'este massio. Não ha muito d'isto na Pusta e estou contente por ter encontrado este escondeiro».

Era Sherlock quem dirigia estas palavras a Harry Taxon. Ao mesmo tempo puxou e por um braço, para detraz d'um grupo de arbustos que se elevava isolado na Pusta.

Harry Taxon respirava off-gante; os dois policas tinham corrido a toda a velocidade, pois tratava-se de algumas vidas humanas que ambos queriam salvar.

— «Não comprehendes, mestre, interrogou Harry Taxon em voz baixa, porque motivo paramos aqui e es-tamos perdendo um tempo precioso? Não seria melhor avançarmos e mais d'pressa possível, para avisar a tempo o conde e a esposa?»

— «Se tivéssemos perdas de camello, em vez de pernas humanas, disse o policia sorrindo, era facil fa-zel-o, mas assim, os bandidos aleaçar-nos-heo em breve, montados nos rapidos cavallos da Pusta».

— «Não ha duvida, mestre, concordou Harry. Mas que ganhamos não em permanecermos occultos aqui? Teremos o direito de pensar exclusivamente na nossa salvação, deixando aquelles desgraçados nas mãos de tão grandes facinoras?»

— «Se assim pensasse, meu filho, replicou o policia gravemente, não era digno de usar o nome de Sher-lock Holmes. E justamente d'este ponto que eu es-pero poder impedir a realisação do crime que elles

premeditaram. Puxa do revolver, Harry, e aponta cui-dosamente, pois algo o tropear d'um cavallo, atravez a noite. Vejo agora distinctamente... é Garnier, o bandido! Ah! meu caro, os milhes da joven condessa Seseony Vanderbilt ainda não estão no teu bolso. Vou apodrar-me de ti, vivo!

— «Um pequeno e agill cavallo hungaro, trazendo um cavalleiro que se curvava sobre o peçoço do animal, avançava á galope».

Sherlock Holmes puxou do revolver, apontou cui-dadosamente a desfecho».

— «Acertou! exclamou Harry Taxon, rejubilando, pois o cavallo, ferido em pleno peito, caíra como ful-minado».

Os dois policas levantaram-se e lançaram-se sobre o cavalleiro, que estava escondido, em parte enco-berto pelo cavallo que estrebuchava ligeiramente.

— «Entrega-te Garnier! exclamou Sherlock Holmes; estão d'immascarados os «Fog a fatus» e tu seus che-fes... oh! malditos! interrompo-se Holmes, fomos dra-boneiros, Harry! Os bandidos puzeram sobre o cavallo um boneco de palha, envergando o fato de Garnier e agora... ell-os que avançam, não fuja, Harry, pois é impossivel fugir a pé, d'um cavalleiro, na Pusta. Não aites que seria inutil».

Sherlock Holmes nada poudo acrescentar, por-que cinco cavalleiros tinham-se approximado a todo o galope, e um minuto depois Holmes e Taxon tinham sido dominados e amarrados de pés e mãos.

— «Mettolhe uma bola na cabeça? perguntou o tio Tom, apontando o revolver para Holmes».

Garnier impelliu o seu companheiro de consumir o acto.

— «Este homem, disse, apontando para Holmes, é o maior e o mais perigoso inimigo que nós possuímos em todo o mundo. Tem aniquillado já centenas de em-panheiros nossos. Milhares d'outros gemem em prisões por causa d'elle. Como nos caiu hoje nas mãos, por um feliz acaso, vamos ajustar seriamente contas com elle, mas se o condemnarmos rapidamente á morte, não estaria em relação com o odio infinito que votam a este homem todos os criminosos da terra. Va-mos, peguem nos dois espíes. O Janos, hospedeiro, mostrou-me hoje uma cova e affirmou-me que era ha-bitada por uma familia de lobos. Vamos atirar os es-píes aos lobos. As feras esfaimadas despedaçad-ohi e ámanhã de manhães iremos examinar o que resta do grande Sherlock Holmes e do seu companheiro».

Nem Holmes nem o seu joven discipulo estremec-eram, ao ouviram a terrivel sentença de morte e dei-xaram-se levar sem tentarem resistir.

— «Holmes segredou rapidamente: sempre é melhor termos que defrontar-nos com

os lobos da Puesta do que, com os «Fogos fatuos do pantano vermelho».

A voz dos lobos foi attingida em breve.

Uma especie de chamimé que a natureza cavara na terra, conduzia a uma caverna bastante funda.

Sherlock Holmes foi levantado pelas mãos brutas dos «Fogos fatuos», sendo lançado na cobertura, de cabeça para baixo.

—Vae espionar agora para entre os lobos, meu grande Sherlock Holmes, gargalhava Garnier, talvez encontre entre elles algum criminoso. Parece-me que vae encontrar um grupo d'assassinos, com bons dentes e boas garras!

Ouvia-se um grito desgarrado, vindo da caverna.

—Ouve a linda voz do teu mestre? viu Garnier: mostrando uma satisfação diabolica e agarrando o pobre Harry pelo pescoço. Tens lhe sido sempre fiel e dedicado, de forma que deves seguí-lo hoje como a tua sombra. Vae para as profundas dos infernos, com o teu patrio; nenhum de vós não impedirá de dar cabo do coelho húngaro e da mulher.

Harry Taxon desapareceu egualmente, lançado para o meio dos lobos esfimados.

CAPITULO VI

Cabidos na rede

—Ainda não veio o Estevão? Onde terá elle ido?

—Não, sr. conde, replicou o cocheiro, que tinha subido para o tejadilho da carruagem, não vejo ninguém; é verdade que com esta escuridão é difficil ver alguma coisa, e os archotes pouco alumiam.

—Não se terá enganado Estevão, ao afirmar que a caçada Kirally ficava situada nas proximidades? perguntou o jovem e elegante conde.

—Estamos afastados uma milha ou milha e meia, o máximo, da caçada! declarou um dos creados: conheço muito bem a casa e o dono d'ella, o Janos.

—Esse Janos é homem em quem possa ter-se confiança? perguntou o conde. Em regra não se dá isso, vulgarmente, com os hospedeiros da Puesta.

—Excelentissimo sr. conde, patifes são elles todos, acrescentou sorrindo, e credeo, e quanto a este, sei que tem tres filhas, que tiram dinheiro aos homens, de boa vontade. Não creio, porém, que haja em toda a Puesta um estalajadeiro capaz de se atrever a atacar ou a fazer qualquer danno ao sr. conde.

—Teria sido melhor, retorquiu o conde, se tivessemos entrado na caçada. Agora, seja como for, esperamos por Estevão.

Em seguida, o joven aristocrata afastou-se dos destroços da carruagem e dirigiu-se para um montículo de terra, sobre o qual estava sentada uma mulher joven, maravilhosamente bella, com uma expressão delicadissima, cabellos louros e figura de Juno. Era a condessa, descendente da familia archimilionaria Vanderbilt, e que tinha dado ha pouco o seu coração e a sua mão ao nobre húngaro.

—Minha querida Alice, exclamou o conde, sentando-se junto da esposa, não imaginas como lamento que sejas forçada a conhecer a Puesta por um modo tão desgrazado, em virtude d'este estúpido incidente.

—Porque lhe chamas desgrazado? perguntou a condessa com um sorriso encantador. Acho isto interessantissimo: estar sentada sobre um monte de terra, no meio da noite, no centro d'um mar de relva, com os seus milhares de flores, que exhalam perfumes inebriantes, tendo-te a meu lado!

—Estando tu junto de mim, é-me absolutamente indifferente o lugar onde estou. No gelo do polo norte, nas rochas das altas montanhas da Sierra Nevada ou aqui, na Puesta húngara, tanto me faz.

A joven esposa encostou-se ternamente ao marido, e este enlaçou-a, beijando-lhe os olhos, a fronte e a bocca.

—Lá vem o Estevão! exclamou de subito o cocheiro do seu ponto de observação. Naturalmente pediu um cavallo emprestado.

—Ouve? Ah! vem o Estevão? disse o conde, voltando-se para sua mulher, pediu provavelmente um carro emprestado e, se atrelarmos os nossos bons cavallos, chegaremos amanhã de manhã a Stegedinappas com um pequeno atrezo.

—Olá sr. conde, exclamou o cocheiro, não é Estevão que se avizinha, é um estranho. Mas vou jurar que é algum emissário vindo da caçada.

O conde julgou prudente avançar para o cavalleiro de revolver na mão.

—Perdão, senhor, pronunciou, na Puesta devem

tomar-se todas as precauções, principalmente de noite, antes de se saber se é um amigo ou um inimigo que se approxima.

—E' um amigo, replicou o cavalleiro, apressando-se, chama-me Garnier e devo a um feliz acaso poder prestar-lhe um pequeno serviço sr. conde. Estava com alguns amigos na hospedaria Kirally, quando chegou o seu enviado.

O pobre e velho Estevão, infelizmente, com a pressa, torceu um pé e não pôde sair, por emquanto, da caçada.

—Contos nos, porém, a desagradavel situação em que o sr. conde se encontrava.

—Resolvi, então, vir communicar-lhe que o pequeno carro de verga do hospedeiro já está a caminho; virá buscar sua esposa e o sr. conde e conduzi-os ha caçada.

O melhor será esperarem ali a manhã; entretanto, um dos meus amigos que é mechanico, conseguirá pôr a sua carruagem em termos de poderem proseguir a viagem até ao castello.

O conde de Szeczy estendeu a mão ao estranho com cordialidade.

—Agradeço-lhe muitissimo, ao senhor e aos seus amigos.

—Ser-me-ia muito agradável continuar a minha viagem, evitando assim de alojar minha mulher n'uma hospedaria da Puesta.

—Mas como na caçada Kirally se encontram pessoas tão amáveis, não nos ha de ser difficil ficar ali até de manhã.

Em seguida, o conde conduziu o recém-chegado para junto da esposa, apresentando-lhe:

—O sr. Garnier, francez segundo pareço, um cavalleiro muito amável e que vem em nosso auxilio.

Começou a ouvir-se o ruido de rodas e appareceu o pequeno carro de verga, puxado por dois rapidos cavallos. No carrinho vinham o tio Tom e Sandbox, enquanto que os dois criminosos desfraldados de officies tinham voltado para a caçada, para fazerem de apparecer os mortos e vigiar os prisioneiros na cova; estava, pois, tudo em ordem para receber o conde e a condessa.

Tomaram rapidamente as necessarias disposições. O conde e a esposa subiram para o carro, o mesmo fazendo Garnier, que pegou nas rédeas.

O tio Tom, o pseudo mechanico, ficou com Sandbox para, como elle affirmava, concertar a carruagem; a verdade, porém, é que os dois bandidos queriam commetter um crime horivel.

Antes de subir para o carro, o conde tirou da carruagem tombada uma mala de couro, chapeada de prata, collocando-a a seus pés, no carrinho, sem reparar

nos olhos cubijosos de Garnier e dos companheiros d'este.

—Logo que a carruagem estiver reparada, vem ter connosco, com os dois creados, ordenou o conde ao cocheiro. Esses dois senhores que teem a amabilidade de se occupar do concerto, serão conduzidos na carruagem até á hospedaria, onde voltaremos todos a ver-nos. Até á vista!

Garnier fustigou os cavallos e o carro desapareceu em breve.

—Precisamos agora desfazer-nos dos creados, murmurou o tio Tom para Sandbox; tens o revolver preparado?

—Está tudo em ordem, replicou o inglez; dois contra tres, não é difficil.

—Vamos a isto o mais depressa possivel, continuou Tom, apontando para a carruagem, é preciso pôr isto a funcionar, antes de mais nada.

—Bem, é necessario erguer a carruagem e os senhores, disse, voltando-se para os creados, teem que metter-se debaixo do carro e levantá-lo.

Era uma esplendida ratoeira, que os dois bandidos armavam aos pobres creados do conde. O carro foi enfiado e o cocheiro foi o primeiro que se deitou no chão, para se collocar sob elle, no que foi feito pelos dois creados. A carruagem ia ser erguida, quando soaram, uma após outra, tres detonações.

O vehiculo desequilibrou-se e tombou novamente, cobrindo tres cadáveres.

—Este trabalho está feito! exclamou Tom, accendendo um cigarro; creio mesmo que está tudo prompto. Os condes estão nas mãos de Garnier, que os attrahiu á hospedaria, onde dará cabo d'elles; estes canchais apalados estão mortos, demos-lhes nós cabo da pelle; é quanto ao celeberrimo Sherlock Holmes, d'esse não restar certamente n'este momento grande coisa. Os lobos devem tê-lo devorado, e ao seu companheiro.

—Passemos busca á carruagem, lembrou Sandbox, talvez encontremos alguma coisa de valor. Não podemos, porém, demorar-nos muito tempo, porque Garnier espera-nos na caçada.

As esperanças dos dois bandidos realisaram-se. Acharam na carruagem uma pequena mala, contendo muitas peças de baixela, de prata, como talheres, pratos, travessas, etc.

—Sempre vale a pena levar isto, declarou Tom; tenho pena de sermos obrigados a deixar aqui estes esplendidos cavallos. Se Garnier não for estúpido, veremos buscar amanhã de manhã os animaes e conduzi-os-hemos a qualquer feira, onde poderemos vendê-los por bom dinheiro.

—Creio que valerão bem des mil guineas, replicou

Sandbox. Seria pena deixar o dinheiro assim abandonado.

Os dois facinorosos seguiram em direcção á hospedaria, sem mesmo laçarem um olhar aos tres cadáveres.

Sandbox conduzia a malinha.

Subitamente, Tom parou e pôz-se a rir, dizendo: — Estamos na proximidade da caverna dos lobos e teria realmente interesse em vêr o que feito do excellentes Holmes. Vamos examinar o covil, Sandbox.

Vamos, concordou o outro.

Inclinaram-se para a direita e poucos minutos depois chegavam á abertura do covil dos lobos.

— Não ouves nada, Sandbox? perguntou Tom, introduzindo a cabeça e curvando-se o mais possível para dentro da caverna.

— Não ouço nada, retorquiu Sandbox. Está tudo silencioso e julgo que os lobos terão cumprido o seu dever, fazendo em pedações o maior polício do mundo. — Os lobos ainda tem fome! tropeçou subitamente uma voz formidável, por detrás do inglês. E quando Sandbox se voltou, recebeu uma pancada brutal entre os olhos, dando a um boz de ferro. Caiu immediatamente desmaiado.

Mais infeliz ainda foi o digno Tom. Alguém se tinha aproximado por detrás d'elle e, pegando nelle pelas pernas, arrastára-o ao ar.

Caiu mal e, ao querer levantar-se, sentiu os pés d'um adversário carregando-lhe sobre o peito. Um segundo depois, um dos três inimigos apoiava-se-lhe no pescoço, esmagando-lho quasi.

— Mestre, gritou uma voz fresca e joven, quer que o mate? Basta-me carregar um pouco mais, e o haído deixa de respirar.

— Tenho grande empenho, exclamou Sherlock Holmes, que estares curvado sobre Sandbox, em conservar vivos estas figuras. Fale, o inglês, perdou os sentidos com o soco que eu dei, de tal forma que só d'aqui a muitas horas voltará a si. Podemos deixá-lo á vontade, e vamos occupar-nos do sr. Tom. Carrega com força, para elle não poder levantar-se, porque eu vou amarrar-lhe bem os pés e as mãos e fazer d'elle um lindo pacote.

Assim fez.

Tom fez esforços desesperados para se libertar de Taton, mas sempre que levantava um pouco a cabeça, Harry carregava com mais força. Perdeu, finalmente, a coragem de tentar nova resistencia.

Holmes trabalhava depressa. Tom ficou em poucos segundos amarrado de tal forma que não podia fazer um simples movimento, por mais pequeno que fosse, voltando só então o polico e o seu discípulo as attensões para o outro bandido.

Ficou amarrado como o companheiro, mas isto

não parecia sufficiente a Holmes, que os queria em segurança.

— Lamento quasi, Harry, que não existam effectivamente lobos na caverna, pois desejaria muito felizes os pobres animaes saborearem este petisco. O que é certo é que podemos considerá-los muito felizes por os lobos terem abandonado o covil, porque receio que as feras não teriam feito grande differença entre policias e bandidos e ter-nos-iam despedaçado sem se importarem se estavam ou não innocentes.

Sherlock Holmes pegou em Tom e lançou-o para o fundo da caverna, fazendo o mesmo a Sandbox.

— Vês, meu rapaz, exclamou, voltando-se para Harry, o céu é justo e Deus sabe o que faz! Estes bandidos d'estes «Fogos Fatuos» percheem muito pouco do seu officio, pois, quando me amarraram as mãos não perceberam que eu collocara os polegares na tal posição em que todo e qualquer homem que for amarrado pôde libertar-se sem grande esforço. É um truque bem conhecido, que se exhibe agora com frequencia nos palcos dos theatros da variedades e que eu já uso com successo ha vinte annos!

— Foi-me facil, assim, libertar-me e libertar-te, e como não encontramos nem um só lobo na caverna, tornamos a apparear na Pusta serenamente.

— E chegamos justamente a tempo para captarmos estes dois figurões, disse Harry. Creio que vamos ter muito que fazer esta noite.

— Não ha duvida; o mais difficil está por executar ainda, retorquiu Holmes. Quando ainda estavam no fundo da cova, ouvi o rodar d'um carro e o meu ouvido educado percheou que se dirigia para o lado da hospedaria Kirraly.

— Hei-me o conde e a condessa de Sezeny e estiveram ali-sez carro, e que os «Fogos Fatuos» os tinham atraindo á cova. Por isso, não temos um momento a perder, Harry! Vá a hospedaria; temos de arrastar aquelles sanguinarios bandidos duas victimas, que considero meio perdidas já!

Holmes e Harry saíram da caverna e foram para a hospedaria Kirraly, onde se encontraram com o conde e a condessa de Sezeny, que estavam esperando-os.

— Bem-vindos, disseram-lhes. O conde e a condessa de Sezeny estavam esperando-os.

— Bem-vindos, disseram-lhes. O conde e a condessa de Sezeny estavam esperando-os.

— Bem-vindos, disseram-lhes. O conde e a condessa de Sezeny estavam esperando-os.

o conde e a condessa de Sezeny estavam esperando-os.

o conde e a condessa de Sezeny estavam esperando-os.

CAPITULO VII

o conde e a condessa de Sezeny estavam esperando-os.

o conde e a condessa de Sezeny estavam esperando-os.

o conde e a condessa de Sezeny estavam esperando-os.

o conde e a condessa de Sezeny estavam esperando-os.

o conde e a condessa de Sezeny estavam esperando-os.

o conde e a condessa de Sezeny estavam esperando-os.

o conde e a condessa de Sezeny estavam esperando-os.

o conde e a condessa de Sezeny estavam esperando-os.

o conde e a condessa de Sezeny estavam esperando-os.

o conde e a condessa de Sezeny estavam esperando-os.

o conde e a condessa de Sezeny estavam esperando-os.

o conde e a condessa de Sezeny estavam esperando-os.

o conde e a condessa de Sezeny estavam esperando-os.

o conde e a condessa de Sezeny estavam esperando-os.

o conde e a condessa de Sezeny estavam esperando-os.

o conde e a condessa de Sezeny estavam esperando-os.

Deitado sobre o ventre, o polico ia examinando o que se passava, ficando extremamente admirado no ver que o conde e a condessa continuavam sem de nada suspeitar, tomando ainda os criminosos por gente honesta.

Sezeny sentára-se com a condessa junto d'uma meza e olhava em volta.

— Onde está o hospedeiro? ouviu Holmes perguntar. Onde está Janos? Porque não vem elle perguntar o que desajamou?

Garnier não tinha nenhuma difficuldade em encontrar uma desculpa.

— O padre do estalajadeiro, disse, embelton-se completamente de forma que tivemos de o metter na cavalariça, onde ficará até he passar a grande bebedeira.

— E as filhas d'elle? continuou o conde; disseram-me que havia raparigas na casa.

— Ellas estavam aqui, effectivamente, retorquiu Garnier, mas, peço-lhe, que me perdoe a franqueza, senhora condessa, as tres filhas do hospedeiro foram passar para a Pusta com os namorados. Uma foi com um postillo, a outra com um pastor de cavalos e a terceira com um digno! Costumes da terra!

Alice levantava-se, entretanto, e atravessára o aposento. Parou subitamente e soltou um ligeiro gritio:

— Jorge, que manchas são estas aqui no chão?

Em seguida, acescentou em inglez, recciosamente:

— Parecem nodos de sangue e são frescos!

O conde levantou-se e dirigiu-se a sua mulher.

— Por Deus! exclamou, ao lançar o olhar para o pavimento, isto é sangue! Sr. Garnier, deve ter-se passado aqui alguma coisa horrivel!

— Veja, veja essas nodas de sangue!

— E' effectivamente sangue, replicou subitamente Garnier, com a voz mudada, e olhando com expressão zombeteira para o conde e Alice; é o sangue do seu creado Estevo, que eu matei a tiro, como hei de matar os agora, os dois.

No mesmo momento, abriu-se uma pequena porta lateral e penetraram no aposento os dois criminosos disfarçados em «finest».

Tres revolvers amesagaram os desgraçados.

— Isto é uma traição! clamou o conde, querendo puxar do revolver.

Mas Garnier lançou-se rapidamente sobre elle e, depois d'uma curta luta, o conde ficou desarmado.

Ajudem-me, senhores, pronunciou o conde, voltando-se, no seu desespero, para os dois officios.

Os senhores esveregam o uniforme do imperador da Austria, nosso rei, e não podem consentir que se pratique aqui um roubo ou talvez um assassinato nas pessoas de minha mulher e na minha!

Um riso irónico e feroz foi a única resposta que obteve.

—Cain' nas mãos dos «Fogos Fatuos do Pantano Vermelho», conde de Sezeny, disse Carnier; nós somos criminosos que não recusamos perante nenhum meio para atingirmos o nosso fim.

—A sua vida e a vida do sua mulher estão perdidas. Baster me hia dizer: fogo! e cairiam mortos, atravessados pelas nossas balas. Sob determinadas condições, porém, pôda salvar a sua vida.

—E quas são essas condições? inquiriu o conde, pálido de morte, apertando Alice ao peito. Contenta-se com a minha morte, mas poupe a vida a minha pobre mulher!

—Não! matem-me, mas deixem viver o meu querido marido!

—Uma nobre lucta! exclamou Garnier com um sorriso atroz.

—Acabemos com isto! Podem salvar ambos a vida, se nos passarem um cheque na importância de um milhão de coréas. Em que Banco é que tem depositou?

—No Banco-Austro-Hungaro, em Vienna.

—Trax o livro de cheques consigo?

—Está n'aquella malinha, que contem também as joias de minha mulher, respondeu o conde.

—Abra!

Sem deixar a mulher, o conde aproximou-se da mesa e tirou do bolso uma pequena chave, com que abriu a mala.

Os tres bandidos lançaram-se d'um salto sobre a mesa.

Dos lábios sahia-lhes uma exclamação de surpresa e contentamento, ao vêrem as preciosas joias que a mala continha.

Garnier era o mais pratico de todos.

Calculou immediatamente que as joias e pedras preciosas nunca seriam tão rendosas como um cheque tirado do livrinho, se esse cheque contivesse a assignatura do conde de Sezeny.

—Passe-nos então o cheque, disse Garnier, no valor d'um milhão, se faz favor.

—E sob essa condição não nos matarão? perguntou o conde.

—Da que nos serve a sua morte, replicou Garnier; nós só queremos o seu dinheiro. E' claro que teremos que algema-l-o, bem como a sua mulher, pois precisamos assegurar-nos que não sairão d'aqui esta noite. Sentio assim, teremos o avanço necessario para chegar a Vienna e apresentar o cheque no Banco.

—Seja assim, resolveu o conde; onde está tinta e pena?

—Tenho aqui um tinteiro d'algibeira, replicou Garnier, tirando tudo do bolso, e eis penna também. Pessoas prudentes costumam andar prevenidas. Ehi!

meus amigos ponham o carro de verga em ordem, e deem agua aos cavallos, pois tem de nos conduzir ainda esta noite á estação mais proxima. Entretanto, Tom e Sandbox chegarão, com certeza.

—Que importancia tem um milhão, exclamou o conde, quando se trata da vida e especialmente da tua, minha querida Alice. Veja, senhor, vou assignar o cheque que acabo de encher.

—Está em ordem? perguntou Garnier cautelosamente e curvou-se sobre a cadeira do conde, para lêr avidamente o cheque.

—Está bem, um milhão de coréas, para serem pagas ao portador.

De subito... um ruido cavo... Garnier bateu com a cabeça, brutalmente, contra o tampo da mesa.

Holmes estava a cavallo nos hombros do malvado, tendo-se deixado escorregar pela abertura do tecto e caindo sobre elle.

—Chô! gritou o valente policia, apertando em volta do pescoço de Garnier um cordão que já trazia preparado, até que emfim, já me não foges, canalha! Para baixo, de joelhos, ou estrangulo-te.

Sob o peso do celebre policia, o bandido cedeu e casiu.

Sherlock Holmes pôz-lhe nos pulsos as algemas d'ago e deu ao conde um revolver, dizendo-lhe:

—Paga uso d'esta arma, sr. conde, se o bandido fizer menção de se levantar.

Sem se importar com os olhares espantados do conde e de Alice, o policia saiu para o pátio.

No mesmo momento ouviram-se dois tiros e uma voz, vinda do telhado, exclamou alegremente:

—Já fiz o meu trabalho, mostre; os dois patifes estão entendidos no pátio, e cada um d'elles tem uma bala na cabeça. Vi-os a mexerem no carro e não hesitei mais!

—Harry, exclamou Sherlock Holmes, sorrindo; parecees uma ogeinha em cima d'um telhado de palha; anda cá para baixo, meu rapaz, que se acabaram os «Fogos Fatuos do Pantano Vermelho»!

Assim era, com effeito.

Garnier, assim como Tom e Sandbox, que foram tirados do covil dos lobos, foram conduzidos no dia seguinte, entre uma escolta, para Szegedin, não sem terem sido espancados previamente, com a maxima brutalidade; por Janos e os pastores, que Holmes foi libertar e tirar immediatamente da cadeia.

Maggie, a Ruiva, desaparecera sem deixar vestígios, e o seu cadaver foi encontrado mais tarde na Pusta.

Tinha-se envenenado.

Em Szegedin foi instaurado processo ao bando; os criminosos acabaram todos na forca.

O conde de Sezeny, cheio de gratidão pediu a

Sherlock Holmes e a Harry Taxon que o acompanhavam, nos nossos leitores que a conta de Holmes, nhassem ao seu castello.

O policia foi altamente recompensado e podemos

afirmar, aos nossos leitores que a conta de Holmes, no Banco de Inglaterra, augmentou em bastantes contos de reis.

FIM



Ler no proximo numero:

Em busca d'uma herança

Aventuras extraordinaria d'um policia secreta



— Que está V. Ex. lendo com tanto interesse, que nem para n'um velho amigo que cordalmente a sauda?

— O 1.º volume da Colleção Selecta, que a Empresa Lusitana Editora, da Calçada do Ferregial, 23, acaba de lançar no mercado.

— É como se intitulava a obra?

— Amor de Padre, do distinto académico Ed. Rod.

— Óhago. É realmente um primor de estilo, de observação e de interesse.

— O que lhe vai causar admiração é o preço.

— Sim?

— Ora veja tudo este livro. Magnifica impressão, illustração a cores, bella encadernação, tudo por 300 reis, ou 30 centavos, ao o prelo.

— Oh! É realmente espantoso! Vou recomendar a sua aquisição a todos os meus amigos.

— Não chegará a edição.

OS DESEQUILIBRADOS DO AMOR

Série de romances psycho-pathologicos

(Por Arnaldo Dubarry)

O Amor nas suas diversas manifestações, reger, rege e regerá perpetuamente o mundo. Provém-n'o estudo das civilizações antigas, os costumes, as crenças e as vidas contemporâneas.

— E tudo as aberrações a que as paixões desvariadas conduzem os homens, tal foi o intuito do auctor ao escrever a série de romances psycho-pathologicos que subornamos no título geral *Desequilibrados do Amor*, e nos quais os vícios contra natura, o hermaphroditismo, a hysteria, a depravação e assumptos analogos são tratados com mão de mestre.

Dos *Desequilibrados do Amor* achá-se publicados o prime-ro volume:

O Feticheista

Devendo seguir-se a este immenso romance sobre uma das mais repugnantes manifestações da lubricidade, os seguintes, já no prelo:

Os Invertidos
O Hermaphrodita
O Hysterica
Os Feticheistas, etc., etc.

Preço de cada vol. edição de luxo, lindamente impressa em bom papel

500

REIS

Novidade Literaria

ESCOLA DO VICIO

por Victorien de Sauteville

1 vol. com capa artistica 700 rs.

LEIAM TODOS:

O conquistador de criadas

Intimista romance d'arteiro galante
Um grande volume com duas
artistas e esplendidas gravuras 300

RENÉ EMERY

S.ª Maria Magdalena

Romance dos tempos biblicos

I A Paschoa de Fornosura

II Chamma de voluptuoso

III Noah, terra da luxuria

IV Pola senda do amor

V Beijo supremo

1 eleg. vol. em 8.º com artísticas capa a 8.º cruz 700 rs.

COMO SE CONQUISTAM MULHERES

Conselhos a um rapaz

1 vol. ed. de luxo, 600 rs.

TRATADO PRATICO DE GYMNASICA SUECA

por L. C. Kamlien.

Edição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol. in-8.º gr.

300 Rs.

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia . amador

Unico rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se das seguintes volumes:

- 1 Crimes no palacio Jackson
- 2 Caso d'uma puma
- 3 Evadido d'um malvado
- 4 Crimes impunes
- 5 Calvario d'um assassino
- 6 Um attentado de terror
- 7 A creança martyr
- 8 Resgate sangrento
- 9 A falsa suicida
- 10 Um drama nas nuvens
- 11 Junto da guilhotina
- 12 Jackson, em poder dos bandulos
- 13 O cão policia
- 14 O esqueleto vivo
- 15 Bandidos de casaca
- 16 A rainha das apaches
- 17 Duas facções notaveis
- 18 Jackson envenenado
- 19 Ressurreição de Jackson
- 20 Sapatos de defuncto
- 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes
- 22 Multidão de policias
- 23 Um milhão de francos
- 24 As Praxidas de um Yankee
- 25 Coração torturado
- 26 O quarto dos mortos
- 27 A cabeça cortada
- 28 O segredo do conde
- 29 Tragado pela areia
- 30 A derrota dos bandulos
- 31 Os mysterios de Chicago
- 32 O subterraneo dos cadaveres
- 33 Por seguir uma mulher
- 34 A renuncia de Lord Jackson

60 cada volume — Serie completa, 2.000 rs.

LIVRO DE LEITURA JIU-JITSU

1 vol. edição de luxo com 19 bellas

para a 4.ª classe dos Lyceus

— 1 volume illustrado 400 rs. — 600 reis

Colleção Artistica

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionais novidades litterarias estrangeiras —

Volumes publicados

1. Arsene Lupin, zangado da alta roda, por Maurice Leblanc. 2. O Homem mysterioso, Guy de Tivernon. 3. O Invasor de gelo, Pierre Giffard. 4. Arsene Lupin contra Herlock Sholmes, Maurice Leblanc. 5. Um grito na treva, G. A. Green. 6. O Prisioneiro de Marte, G. Le Rouge. 7. O Club dos Ladres, Henry A. Bering. 8. A Agulha ócea, (Novas aventuras de Arsene Lupin) M. Leblanc. 9. O Homem sem rosto, Paul d'Ivoi. 10. A Virgem Vermelha, Pierre Giffard. 11. O Cabello do somno, Paul d'Ivoi. 12. Qual dos tres grande romance policial, A. O. Green. 13. A Guerra dos vampiros, G. Le Rouge. 14. O Hyla de Feto, Max Pemberton. 15. As tres gatinhas, sensacional romance de aventuras, Paul d'Ivoi. 16. Kovra, a mysteriosa, por Ch. Foley. 17. 814. (Novas aventuras de Arsene Lupin) M. Leblanc. 18. Em Férias, por Henri de Maguire. 19. O Palácio submarino, por Max Pemberton. 20. Um crime tenebroso, por A. Galopin. 21. A sombra mysteriosa, por Fergus Hume.

350 rs. Cada vol. in-4.º, contendo a materia de um cccc grossa vol. in-8.º, de 300 000 rs. 350

EVA NINA O Sherlock Holmes de saias

A primeira mulher policia do mundo inteiro

50 rs. ♦ ♦ ♦ ♦ **CADA NUMERO** ♦ ♦ ♦ ♦ **rs. 50**
CAPA A CORES PELO PROCESSO DA TRICHROMIA

♦ ♦ Parecerá á primeira vista impossivel que uma mulher seja capaz de consagrar-se a uma profissão tão arriscada e cheia de terriveis perigos como a de policia; profissão que exige *sangue frio, audacia e resolução* extremas, alliadas á *penetração, á finura* e á mais *assombrosa astucia*. Tal mulher, porem existe, e são as suas aventuras movimentadas, dramaticas, cheias dos mais extraordinarios episodios, que nos propomos contar nos numeros da nova publicação ♦ ♦ ♦ ♦

EVA NINA

e que certamente empolgarão o leitor pelo impre- visto das situações, pelas scenas ora commoven- tes, ora intensamente dramaticas que recheiam

cada episodio. ♦ ♦ Como se não bastasse o incomparavel interesse que devem despertar no publico as aventuras de ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦

EVA NINA o Sherlock Holmes de saias

♦ ♦ ♦ ♦ ♦ para assegurar o exito da publicação, accresce ainda o facto d'ella ficar

Absolutamente gratuita ao comprador

pois cada numero lhe dará direito, mediante a apresentação do *coupon* d'elle cortado, a adquirir nos nossos escriptorios cinco numeros de qualquer das seguintes publicações de grande exito editadas pela

	Novella Popular...	de 60 reis	por 50 reis
	Texas Jack..	de 60	» por 50 »
EMPRESA LUSITANA EDITORA	Lord Jackson	de 60	» por 50 »
	Guerra nos Ares	de 60	» por 50 »
	Invasão Amarella	de 60	» por 50 »

Este magnifico

BRINDE AOS COMPRADORES

dar-lhes-ha ensejo de colleccionar as mais interessantes publicações da actualidade, ficando-lhes gratis aquella que hoje annunciamos e que encerra a maravilhosa vida de ♦ ♦ ♦ ♦

EVA NINA a mais extraordinaria mulher de todos os tempos

♦ ♦ Quinzenalmente será publicado um numero das interessantes narrativas, contendo sempre

Um episodio completo

e que será posto á venda em todas as livrarias tabacarias e kiosques e na

EMPRESA LUSITANA EDITORA

Calçada do Ferregial, 23 — LISBOA